Cinearte

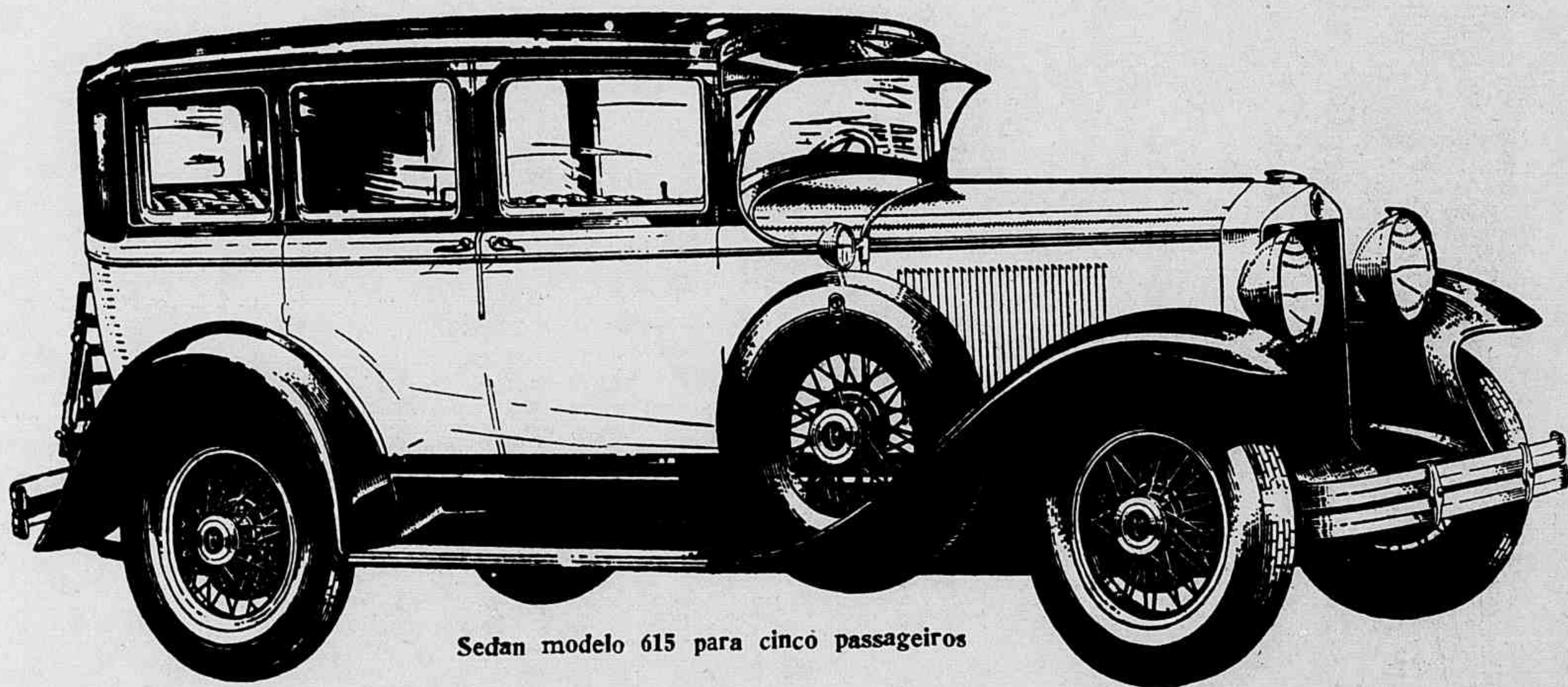
CHARLES FARREL

ANNO IV N. 181
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 14 DE AGOSTO DE 1929
Preço para todo o Brasil 1$000

Novos e Numerosos Aperfeiçoamentos

Os automoveis Graham-Paige de seis e de oito cylindros, desde longo tempo distinguidos pelo seu maravilhoso cambio de quatro velocidades (duas altas velocidades—mudança *standard)* são agora apresentados com novos e numerosos aperfeiçoamentos que contribuem para a maior belleza e conforto das carrosserias e para o surprehendente funccionamento do seu extraordinario chassis. Temos um carro a sua disposição.

Joseph B. Graham
Robert C. Graham
Ray A. Graham

A Graham-Paige offerece uma grande variedade de carrosserias, incluindo Baratas, Cabriolets, Coupés, Carros de Turismo, Sedans e Limousines, em cinco chassis differentes, de seis e de oito cylindros — a preços diversos. Todos são equipados com o cambio de quatro velocidades, excepto o modelo 612.

Sedan modelo 615 para cinco passageiros

G. CORBISIER & CIA. LTDA.	J. GENTIL FILHO	DANTAS BASTOS & CIA.	WEISS, SANTERRE & CIA. Ltda.
Rua Barão de Itapetininga, 67	Praça Floriano, 55	Avenida Rio Branco, 127	Rua Sete de Setembro, 753
SÃO PAULO	RIO DE JANEIRO	RECIFE	PORTO ALEGRE

GRAHAM-PAIGE

A Ente Nazionale pela Cinematographia, por si e representando um grupo que se submette ao seu controle, firmou um importante convenio, segundo o qual os films sonoros produzidos na Italia com o systema da "British Talking Pictures", serão projectados na Allemanha com os apparelhos da "Klang Film" (agrupamento industrial que comprehende as casas: Tobis Film, Siemens e A. E. C.). De sua parte a Ente adquiriu na Italia a producção sonóra da UFA para a estação 1929-30, producção que será certamente creada com os apparelhos da Klang Film. Estes films serão distribuidos na Italia pela Societá Anonima Films Sonori, recentemente constituida e sob os auspicios da Ente.

卍

Foi fundada em Berlim sob o nome — IFU — (Internacional Film Unione G. M. B. H.) uma sociedade cinematographica, italo-germanica, para a producção, locação e venda de films. A direcção foi confiada a Guido Parisch (Schamberg).

"CINEARTE"
Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"
Directores: MARIO BHERING e A. A. GONZAGA
Director-Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA
Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$ — Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes, 40$
As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida à Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço Telegraphico: O MALHO—Rio. Telephones: Gerencia: Norte, 5.402. Escriptorio: Norte, 5.818. Annuncios: Norte, 6.131. Officinas: Villa 6.247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Harry Liedtke e Lil Dagover estão tomando parte num film para a A. A. F. A.

MAXIMO SERRANO E ELY SONE EM "SANGUE MINEIRO".

ANNO IV — NUM. 181
14 DE AGOSTO
— DE —
1 9 2 9

As observações que daqui temos feito sobre o film sonoro têm feito com que muita gente nos acredite absolutamente infensos ao mesmo.

Não ha tal. As observações que vimos fazendo a respeito estão a justificar-se cada dia que passa. Dos Estados Unidos acaba de chegar o nosso companheiro Adhemar Gonzaga e uma das observações que fez, foi a de que o productor norte-americano que decididamente se inclina pela novidade já retirou os mercados estrangeiros com excepção da Inglaterra e seus Dominios onde se fala o inglez, da esphera de suas cogitações, isto é, quer dizer que para o film sonoro elle não pensa absolutamente em contractar interpretes que transportem para outros idiomas a parte falada, cantada, dialogada...

Se os povos que não comprehendem o inglez quizerem continuar a adquirir films assim mesmo, que o façam ou então sujeitem-se a ver aquelles films privados da sonoridade. Ora, isso já nos tem acontecido e isso mesmo constituiu o motivo de uma das observações aqui feitas e que foram recebidas de má sombra pelo importador inescrupuloso.

Que o film sonoro privado do som constitue cousa absolutamente insupportavel ahi está para provar diversos delles já exhibidos, como "Paixão sem Freio", "Evadidos", "A Guerra dos Tongs" e tantos outros...

O programma de producção das grandes marcas é constituido por films sonoros apenas.

Quer isso dizer que se todos os productores dos Estados Unidos adoptarem essa orientação, o mercado brasileiro necessariamente se fechará a essa producção. Já se fala mesmo no fechamento de algumas agencias dos grandes productores, estabelecidas no Brasil.

Não será surpreza isso para nós.

Por emquanto, por espirito de novidade os films falados mesmo em lingua geralmente estranha á nossa platéa, vão constituindo successo.

Mas tudo cansa.

E em breve veremos o espectaculo cinematographico procurado apenas... pelos 300 de Gedeão.

A menos que a producção de outros paizes reconquiste o mercado perdido pelo norte-americano com o seu film sonoro... em inglez.

Já dissemos o que pensavamos sobre as possibilidades do film italiano em materia musical.

Dissemos mais que o productor allemão poderia levar vantagens sobre todos os mais aproveitando o film sonoro para applical-o á educação. E sempre concluimos como ainda agora encerrando esta serie de considerações que mais do que nunca se faz mister pensarmos seriamente na incrementação da industria nacional da cinematographia.

Nós temos uma serie enorme de industrias que de nacionaes têm o rotulo apenas. Para ellas volve o governo sempre olhos carinhosos, cercando de protecções absurdas os seus productos de sorte a constituil-as em verdadeiro flagello para os consumidores. Só a cinematographia, entretanto, não conseguiu até aqui que ao menos para minorar as taxas aduaneiras que pesam sobre o film virgem, voltem-se para ella os cuidados do governo. O momento é bem asado para uma tentativa em grande escala nesse campo de exploração industrial. Por que não o havemos de tentar?

Cinema Brasileiro

(DE PEDRO LIMA)

DE VOLTA

Pelo Western World, *aqui chegado dia 8, proximo passado, estão de volta ao Rio, os interpretes de* Barro Humano, *Carlos Modesto e Eva Schnoor, nosso companheiro Adhemar Gonzaga que foi estudar o meio cinematographico americano com o advento do Cinema falado e Mme. Mathilde Schnoor.*

Maury Bueno e Elly Sone, no film "Sangue Mineiro".

Noemia Zita, do film "A Idade das Illusões"...

A IDADE DAS ILLUSÕES...

Prosegue animada a filmagem de "A Idade das Illusões", da Beryllus Film.

Esta semana, foi contractado o galã desta nova producção, Julio Danilo, que se a camera não se mostrar muito injusta, será como typo, um dos nossos melhores galãs cinematographicos.

Tambem o vilão do film, é um bom typo. Alto. Masculo. E como o seu rival de film, parece ser um enthusiasta do Cinema.

A parte feminina está defendida por Noemia Zita, nome artistico de uma destas muitas jovens que vivem pensando numa opportunidade para entrar para o Cinema.

Desde ha muito que ella vinha procurando ingressar no meio artistico brasileiro, mas a sua entrada para a Beryllus Film foi verdadeiramente patrocinada pela nossa estrella Carmen Violeta.

A outra interprete do film, é tambem uma leitora de "Cinearte", e foi escolhida no nosso archivo de pretendentes a artista.

Aliás, Elly Wintzer tambem concorrera áquelle "celebre" concurso da Fox, e foi uma das candidatas ao papel de "Mocidade", film este que não foi realizado...

A Beryllus Film não é nenhuma empresa organizada sobre bases solidas, mas por isso mesmo, porque se trata de um grupo de gente esforçada e sobretudo bem intencionada; é de suppor-se que leve a bom termo o seu emprehendimento, e que, na "Idade das Illusões" seja a realização de uma promessa de um dos bons films que teremos produzido este anno.

Carmen Santos estrella de "Sangue Mineiro", da Phebo

Os quatro principaes artistas de "Idade das Illusões". Julio Danilo, Noemia Zita, Milton Dartel e Elly Wintzer.

RELIGIAO DO AMOR

Filmando somente de uma a duas vezes por semana, prosegue com animação a tomada de scenas da producção "Religião do Amor", que Gentil Roiz está dirigindo.

Estella Mar, Gina Cavallieri e Raul Schnoor, os tres principaes interpretes do film, continuam, entretanto, sem nenhuma publicidade.

VENENO BRANCO

Já está terminada toda a filmagem de "Veneno Branco", que L. Seel dirigiu para a S. B. de F.

Esta producção que foi quasi toda refilmada, tendo sido mesmo substituido o antigo galã Luiz Barreiras, deverá ser passada dentre em breve num dos nossos Cinemas.

Temos grande curiosidade para assistir este film, que entre outras novidades, irá apresentar montagens de grandes proporções feitas por um processo de desenhos, em que L. Seel é mestre, conforme já deu mostras com o seu "Brasil Animado".

CALUMNIAS DE UM JUDEU

Eduardo Abelin, que estava produzindo "Calumnias de um Judeu", parou a filmagem. Motivo?

Com certeza por querer entender de mais, e ser galã, operador etc. Para quem principiou com "O Castigo do Orgulho"...

Quem Inventou o Cinema Fallado?

De Castellar de Linhares especialmente para "Cinearte"

O BRASIL, um dos paizes mais novos do mundo, pode tambem se orgulhar de ser o berço das maiores invenções do seculo de hoje.

Berço de homens geniaes que inventaram tantas machinas maravilhosas, dentre as quaes a de escrever, o balão e a dirigibilidade, que são factores mais preponderantes do progresso actual, pode, igualmente, orgulhar-se agora, de ter partido de um seu filho a idéa do primeiro "talkie", invenção do nosso patricio Oswaldo Coutinho de Faria.

Isto succedeu em Paris, para onde elle seguira em 1897, com uma demonstração publica do seu apparelho denominado "Kinetophone", e que, pela descripção de um jornal da época, o "Le Journal" de Paris, é nada mais nada menos, que o actual "Vitaphone" americano, claro que sem seus os aperfeiçoamentos..

E' para nós, brasileiros, mais um motivo de orgulho embora tenhamos que esconder a tristeza de saber que bem poderiamos estar gozando da fama de nossa imaginação inventiva, se não fosse este desdem que sempre persegue todos os nossos emprehendimentos, até o momento em que estas invenções desprezadas por nós proprios como impraticaveis, decorridos alguns annos, surgem como oriundas de outras capacidades estrangeiras, dando glorias a outras patrias!...

Agora que o Cinema Brasileiro ensaia um passo firme para seu progresso, mostrando aos lohos de nosso povo, producções soffriveis e algumas já bem acceitaveis, ou senão, bôas, tal como acontece com "Barro Humano", neste momento em grande successo, é confortador, para nós, brasileiros, e nossos sinceros amigos, saber que o "talkie" teve como berço, a França e como pae, um brasileiro!

A proposito do Kinetophone, hoje universalmente conhecido por "Talkie", ou mais commummente por Cinema falado, etc., diz o seguinte, em uma descripção, o alludido jornal francez, falando da experiencia do apparelho de Oswaldo Coutinho de Faria:

"Oswaldo de Faria é um dos talentos que por ultimo tem chamado a attenção do mundo sobre o Brasil.

O engenho inventivo do joven brasileiro Oswaldo de Faria acaba de se affirmar novamente na creação de um apparelho extremamente interessante e que me parece destinado a um grande exito pratico.

Intitula-se esse apparelho "Kinetophone Faria". Por amavel convite do inventor assisti ha dias a uma experiencia que delle se realizou perante um pequeno grupo de membros das colonias brasileira e portugueza de Paris e desejo referir-lhes as minhas sinceras impressões.

Na fabrica que se está montando para a producção desses apparelhos (pois que um grupo de capitalistas, farejando um excellente negocio, se constituiu para explorar, com grande largueza de meios, o invento do joven electricista), improvisára-se uma installação analoga á de qualquer cinematographo. Diante dos espectadores desdobrava-se um largo caixilho forrado de téla branca, tapando completamente a extremidade do recinto. A um dado momento começou-se a ouvir reproduzida por um phonographo, a maravilhosa voz de Battistini, o famoso barytono, entoando, acompanhado por coros, o canto de Carlos V, na scena do perdão, no Ernani, de Verdi. Os sons vinham da banda do tal caixilho de téla, como se o phonographo estivesse por detraz delle.

Terminado o trecho, toda a gente suppoz que esse numero musico-phonographico lhe havia sido offerecido como simples entretenimento, para lhe inspirar paciencia emquanto se ultimavam os preparativos para o verdadeiro espectaculo, quando o inventor veiu explicar, com grande precisão de termos e já aquelle desembaraço que dá a confiança na sua propria obra, que o trecho musical que se acabara de ouvir havia sido executado pelo phonographo, precisamente no ponto opposto áquelle de onde provinham os sons. O apparelho estava collocado por detraz dos espectadores e não diante delles. Os sons eram transmittidos electricamente a duas placas vibrantes que os reenviavam ao auditorio, creando uma illusão auditiva completa. Como podem suppor esta explicação suscitou geraes applausos.

Dahi a momentos fazia-se escuridão completa na sala e o caixilho de téla illuminava-se, reproduzindo uma paizagem, onde se agitavam grupos de camponezes bretões. Destacava-se delles a figura conhecida do cantor Charlus, do Eldorado, que, sobraçando uma gaita de folles e vestido tambem á moda da Bretanha, se punha a cantar uma canção local, dansando ao mesmo tempo, acompanhado nos seus movimentos pelos outros camponezes. Esses meneios, os gestos do cantor, as expressões da sua physionomia e até os mais pequenos movimentos dos seus labios, articulando as palavras da canção, offereciam concordancia absoluta com os sons emittidos pelo apparelho phonographico. A realização dessa concordancia é o que constitue essencialmente a invenção do Sr. Oswaldo de Faria. A idéa de fazer executar simultaneamente por um phonographo as musicas ou as dansas reproduzidas por um cinematographo accorrera já a muita gente, mas nunca se conseguira obter o synchronismo absoluto, que é a condição essencial da illusão perfeita. O Sr. Oswaldo de Faria resolveu o problema por meio de um engenhoso e complicado mechanismo que liga os dois apparelhos — phonographo e cinematographo — do modo mais estreito, mechanismo inteiramente da sua invenção e que se adapta a numerosas combinações e applicações do systema."

Agora, brasileiros, todos nós, que unidos estamos para fazer nossa Patria grande, cada qual procurando engrandecel-a no conceito das nações, vamos encentivar cada vez mais a industria cinematogrphica em nosso paiz, onde tudo é belleza, onde tudo é luz!

Não haverá propaganda melhor, mais real nem mais efficiente, do que esta pelo Cinema Brasileiro, levando além de nossas fronteiras toda a belleza natural de nosso solo tão formoso e a arte fina da intelligencia de nosso povo!

Não nos falta capacidade. Ahi está a prova com o Cinema falado, idéa não de Forrest ou de qualquer outro americano, mas realizada por um brasileiro.

Isto é confortador para nós, que estamos certos, sim, temos certeza de que o Brasil ainda ha de ser um dos maiores senão o maior Centro Cinematographico do mundo.

Precisamos é mais confiança no que é nosso. E para a frente. Saibamos encorajar este pugillo de brasileiros que lutam pela nossa filmagem, com sacrificios enormes e que mesmo assim, têm dado provas brilhantes das suas capacidades na revelação do genio inventivo e realizador daquillo que os eternos descrentes dizem ser impossivel.

Já temos o nosso Cinema, brasileirissimo, com os nossos technicos e os nossos artistas, e o que folgamos muito em dizer, com o nosso publico ansioso por nossos films.

E' isto o começo de uma Arte. Arte mais brasileira agora, que o Cinema tem voz e tem synchronismo, porque partiu de um brasileiro. Foi apresentada por um brasileiro já lá se vão trinta e tres annos.

Avante Cinematographistas brasileiros!

Justiça

(THE BELLAMY TRIAL)

Film da Metro-Goldwyn-Mayer, com

Sue Ives, Leatrice Joy; A reporter, Betty Bronson; O reporter, Edward Nuggent; Mimi Bellamy, Margaret Livingstone; Stephen Bellamy, Kenneth Thompson; Sra. Ives, Margaret Seddon.

O começo desta historia revela ao publico, logo no primeiro momento, uma surpreza. A surpreza, para ser perfeitamente uma surpreza, não póde, em consequencia, ser desde já, nesta descripção, revelada. Depois, vem um enigma. Esse enigma póde ser caracterizado pelo sentido desta legenda: Reportagem cinematographica exclusiva do "maior julgamento do seculo". E a seguir, estas outras legendas: "Sue Ives e Stephen Bellamy accusados do assassinio da esposa de Bellamy". "O Paiz inteiro volta as vistas ao pequeno tribunal em que as duas proeminentes figuras da sociedade arrostam a pena de morte".

Sue Ives e Stephen Bellamy são os accusados do assassinato da esposa deste ultimo, Mimi Bellamy, que em outros tempos fôra noiva de Pat Ives, marido de Sue. As testemunhas são em sua maioria contra os accusados, sendo a opinião geral, que Sue e Stephen descobriram Mimi e Pat em colloquio no jardim da residencia daquella, e a mataram com um punhal.

Stephen Bellamy nega, a primeiro, ter estado no jardim de Mimi Bellamy na noite do crime, mas vê-se obrigado a dizer o contrario, quando Sue, do banco em que se achava na sala do tribunal, alvo dos olhares de toda aquella assistencia curiosa, confirma ter estado em companhia de Stephen, no local em que se deu o crime, e que ambos haviam visto o cadaver no sólo.

Pat, chamado para declarar, confessa-se autor de numerosas cartas de amor encontradas pelos investigadores junto ao cadaver de Mimi Bellamy; insiste em dizer, porém, que essas cartas foram escriptas ao tempo em que elle cortejava Mimi, o que equivale a dizer, dez annos antes. E accrescenta que Mimi pretendera extorquir lhe uma enorme somma, em troca do seu silencio, fazendo referencia ás suas antigas relações. Não consegue, entretanto, explicar a razão da presença das cartas no logar do crime, a menos que sua esposa as tenha collocado ali, por isso que ella era a unica pessoa que conhecia a sua existencia. Essas declarações, naturalmente, obrigam o advogado de accusação a frizar a suspeita de ser Pat Ives o assassino de Mimi Bellamy... ou, ainda mais provavel, Sue Ives, porque era muito natural que a esposa de Pat Ives, cheia de ciumes, pensasse em exterminar a mulher que lhe roubava a felicidade do lar.

Em vão Pat Ives procura provar a innocencia de sua esposa, porque suas declarações apenas servem para comprometter ainda mais a situação de Sue e de Stephen Bellamy.

Este ultimo revela, por fim, que elle e Sue abandonaram o local do crime sem revelar o que haviam visto aterrorisados, poque o facto

Humana

de se encontrarem juntos, áquellas horas da noite, poderia provocar pensamentos inconvenientes a proposito do procedimento de Sue Ives.

O jury nada póde resolver. Nada está solucionado. O advogado de accusação redobra os

esforços, para provar a culpabilidade de Sue Ives.

A joven esposa, victima das suspeitas humilhantes de todos, soffre immenso, só encontrando consolo no carinho de seu esposo e de sua sogra, a bondosa senhora Ives. E as sessões do tribunal são continuas.

E' preciso deslindar o "caso Bellamy"!

A cidade inteira está presa do mysterio daquelle crime sensacional. Teria sido Sue Ives a assassina? Teria sido Pat Ives? Ou Stephen Bellamy mesmo?

Os reporters dos principaes jornaes nova-yorkinos, nem tempo para o almoço conseguiam. Dois delles — uma pequena encantadora e um rapaz insinuante — já se enamoravam até, e era muito provavel que, quando o caso Bellamy fosse resolvido, elles pensassem no "conjugo vobs"...

As muitas sessões que se realizaram ainda, nada solucionaram, porém. Depois de realizada a ultima sessão, a terminal, a que déra ao publico a maior decepção, os jornaes não tiveram outro recurso senão publicar, citando em letras de fôrma os nomes de Sue Ives e Stephen Bellamy:

"ABSOLVIDOS!" e na outra linha, a contra gosto: "MAS QUEM MATOU MIMI BELLAMY?"

Assim, o caso Bellamy, constituindo um enigma para o publico, ainda durante muito tempo, passou, depois, para o esquecimento.

O culpado, ou antes, a culpada da morte de Mimí Bellamy, appareceu, entretanto.

Appareceu na pessoa de uma abnegada creatura — que creatura, que pessoa? -- que a justiça houve por bem não condemnar, porque afinal, se a justiça é cêga, não deixa de ter, ás vezes, um grande, um bom coração...

Red Grange, o famoso jogador de football norte-americano, foi contractado pela Universal para apparecer em "College Heróes".

Com o grande successo do colorido de *On with the Show*, da Warner, os grandes Studios hollywoodenses estão passando por novas transformações, afim de facilitarem a filmagem á côres naturaes, trabalho que exige ampla ventilação.

Alice White está em "The Girl From Woolworths", da First National, sob a direcção de William Beaudine.

Pathé-Palacio

AURORA (Sunrise) — F o x — Producção de 1928. — Murnau, depois que dirigiu "A Ultima Gargalhada", na Allemanha, conquistou renome universal. Os tres continentes lhe renderam homenagens. A critica consagrou-o um genio só inferior a Chaplin. Tornou-se o maior director do mundo. Ergueu-se, soberbo, em meio á mediocridade geral que dominava o Cinema. Recebeu offertas para dirigir films de quasi todos os paizes do globo.

Hollywood sorriu-lhe de longe, um sorriso de ouro e de fama. Foram-lhe rendidas homenagens officiaes pelo governo germanico. Toda a imprensa se occupou do grande Murnau. Era Murnau p'ra cá, Murnau p'ra lá. Só se falava de Murnau. Muita gente perguntava entre surpreza e admiração: "Quem será? um novo transvoador do Atlantico? um rival do professor Mozart? o inventor do moto-continuo?" Não! Era apenas Murnau — o grande director germanico, que, finalmente, condescendera em ensinar á Hollywood como eram feitos os films sem letreiros. E isso a despeito de ter dirigido "Fausto" e "Tartufo", antes de embarcar para a California.

Em Hollywood o grande director foi posto numa redoma para não ser contaminado pelos directores locaes. Deram-lhe uma faixa do Studio; um milhão de dollares e mais o que precisasse; mil e x t r a s; carta branca para matar e esfolar; e um livro de Sudermann. E' verdade: e um scenarista, tambem; mas um só...

Durante a filmagem até William Fox sujeitava-se a espiar, occulto, pelas frestas do **set** de Murnau, afim de não perturbar a gestação da nova obra prima do grande genio da téla.

Dentro de um raio de um kilometro, a contar do seu **set**, não se falava, não se gritava, não se respirava! Só se andava na ponta dos pés. Como desculpa diziam que era o **movietone** que estava em experiencias...

Um dia, os chefes da Fox suspiraram — estava prompto o film! Correram todos loucos de alegria a encher o salão de projecção. Murnau sentou-se a um canto, com um medo damnado. Passaram o film. Oh! milagre dos milagres! A turba pulou de contente! Gritaram! Murnau preparou-se para correr. Socegaram-no, porém, os primeiros applausos. O primeiro abraço, que já se lhe ia tornando um tormento, acabou de convencel-o. Seria possivel? Se era... Abraçaram-no, beijaram-no, acclamaram-no a figura suprema do Cinema. Carregaram-no em triumpho. Murnau não fez outra cousa nos dias subsequentes que receber e retribuir felicitações.

O film estreou em New York. Depois, em Los Angeles. Depois, em todos os Estados Unidos. Sempre a mesma orchestra de applausos, de elogios. Em todas as cidades, em todos os Estados.

Dizem, porém, as más linguas, que o Murnau adquiriu uma cópia do film, e durante seis mezes, todas as noites, exhibia-o em sua casa, só para si, exclamando, de quando em quando: "Mas será possivel? Então só eu é que..."

"Aurora" sahiu dos Estados Unidos. Estreou na Europa. A imprensa nem pio. Foi considerado um trabalho commum. Ninguem lhe dedicou paginas de estudo.

Desceu á America do Sul. O mesmo phenomeno repetiu-se ou por outra a q u i no Rio, foi discutido, mas com intelligencia, com elevação, sem paixão; mas nunca o elevaram a grandes alturas. Perdão, houve um cavalheiro que reputou o film um **purtentu** . . . Mas felizmente os brasileiros sabem o que é Cinema...

E pelo Rio passou "Aurora" sem deixar saudades. Não tenho a pretensão de querer dizer a ultima palavra. Mas ouso pedir licença, para sommar a minha opinião ás muitas que já se expenderam sobre o trabalho de Murnau.

Digo trabalho de Murnau, embora saiba que o thema é de Sudermann e o scenario de Carl Mayer. Prefiro, entretanto, suppôr que "Aurora" é inteiramente de Murnau. De Sudermann, com certeza, só foi aproveitado o **plot** e de Carl a arrumação das sequencias e um ou outro detalhe.

A primeira impressão que se tem do film é de deslumbramento. Os maravilhosos effeitos obtidos com "trucs" photographicos, o lindo nevoeiro que dá o aspecto de um exquisito encantador a varias scenas, os **sets** grandiosos da cidade, a massa humana que nelles se move, os movimentos desembaraçados da **camera**, a variedade e a originalidade dos angulos, o reduzidissimo numero de letreiros, o estylo da representação, a fama do film e o renome do director — taes são as causas principaes dessa impressão. Foi o que aconteceu commigo. Estou inclinado a crêr que o defeito é do meu cerebro.

Os artificios que cercam "Aurora" não são tão enganadores **assim**.

Convenci-me disso quando vi o film pela segunda vez. Foi quando vi que a historia, além de vulgarissima e insufficiente para o desenvolvimento que o director lhe deu, pois apresenta apenas duas situações, uma logo no inicio e outra no final, tem no seu decorrer incongruencias como a do bonde que leva á cidade. E pelas primeiras scenas, segundo se deprehende do que Murnau mostra, grande parte do desejo de mudar de rumo que assoberba o **homem** vem do facto de Margaret lhe pintar a grande cidade com côres as mais bellas. Como póde esse sonho, essa grande cidade estar a dois passos? Nesse caso o **homem** não a desejaria tão ardentemente para nella esconder o seu amor criminoso. Elle não seria mais que um morador de arrabalde afamado, e não me consta que os moradores dos arrabaldes afastados ou dos suburbios vivam sonhando com a cidade da maneira como o **homem** de Murnau o faz...

O thema tem a sua belleza. Mostra até certo ponto como o **homem**, a respeito do mesmo objecto, póde alimentar dois sentimentos diametralmente oppostos com um pequeno espaço de tempo de intervallo. Mas a sua demonstração foi prejudicada. Murnau, amante da simplicidade extrema, escolheu apenas duas situações, que collocou nos dois extremos do film, deixando entre ellas um immenso vazio, uma ligação de centenas de metros de celluloide, que com absolutamente nada contribuem para reforçar a acção dramatica e muito menos para tornar mais patente a belleza do thema. E' verdade que nessas centenas de metros existem trechos admiraveis como o da egreja e episodios de observação meticulosa como o do barbeiro; mas entre elles lá estão, tambem, episodios comicos simplesmente ridiculos, como o do porquinho embriagado e dezenas e dezenas de metros que não são bons nem máos, nem têm a menor utilidade. Emfim, salvo para quem queira descobrir intenções que Murnau absolutamente não teve, esse longo intervallo, que vae da primira situação á segunda é um trecho ôco, que não diz nada que aproveite ao film, e, que, fragmentado em seus varios episodios — os melhores naturalmente — faria mais pelo nome do director.

As primeiras partes, até o termo da primeira situação, são admiraveis. E' a melhor parte do film. Nesse pedaço de "Aurora" é que Murnau se mostra realmente digno de admiração. A linguagem cinematica ahi mostra-se em todo o seu esplendor. São scenas admiraveis de subjectivismo, em que a **camera** exerce realmente o seu verdadeiro papel. A scena em que o **homem** se deixa dominar pela mulher da cidade e é por ella induzido a assassinar a **esposa** é uma maravilha de direcção. O principio todo — a sahida do **homem** de casa a caminho da serpente da cidade — honraria qualquer director. A sequencia do barco tambem é magnifica. Só lhe empana o brilho a exagerada estylização da interpretação de George O'Brien, que, aliás, ahi, como no resto do film, parece assim um filho do **Golem**.

A situação final é mais forte sómente pelo modo como Murnau joga com os elementos revoltos e as paixões humanas. Tem valor puramente directorial.

Acredito que na mão de um outro director não fosse tão bem descripta. Mas ainda ahi se nota a verdadeira mania que Murnau tem de "murnaulizar" tudo, até a propria representação.

Já os effeitos photographicos obtidos com "trucs" e com o nevoeiro mostram como elle quiz dar um aspecto differente aos exteriores. Os sêres humanos que se movem ahi são differentes, só andam cabisbaixos, como se tivessem sobre os hombros o peso do mundo. Na cidade dá-se o mesmo. E' a mesma estylização de gestos, de movimentos, de attitudes.

Dizem que elle quiz mesmo fazer um film differente. Procurou visualizar um drama de sêres humanos... como existem em qualquer parte do mundo. A sua aldeia é prussiana e a sua cidade quasi um mixto de New York e Berlim — e, no entanto, elle declarou que apresentaria uma aldeia e uma cidade como não existem no mundo.

Os angulos, os famosos angulos de Murnau são variados e originaes. Poucos são os que realmente reforçam a acção. Na sua maioria são perfeitamente inuteis. E a gente vê que não houve outro intuito de sua parte, que os apresentar dessa maneira. Murnau não é como Fitzmaurice e outros que vão ao extremo de sacrificar a acção pela belleza puramente pinturesca. Murnau faz o mesmo em holocausto aos angulos exquisitos, nunca dantes tentados.

A movimentação de **camera** que elle põe em pratica é, ás vezes, empregada com muita intelligencia, mas quasi sempre só serve para mostrar a pujança dos recursos que a Fox lhe poz á disposição. São longos e difficeis movimentos inuteis, que só não desagradam, porque são novidade.

Em "Aurora" não ha um estudo de caracteres profundo. O director preferiu perder tempo com episodios, inuteis uns, ridiculos outros. E a gente chega ao final do film sem ter travado conhecimento com os heróes. "Aurora" descreve factos e photographa decisões, hesitações e desejos. Mas essas decisões, hesitações e desejos não revelam caracteres, mostram o que fazem os **heróes**, mas não mostram quem elles são.

Não discuto a construcção do scenario. E' um erro querer cingir um temperamento artistico a regras preestabelecidas. A arte não conhece limites. Discuto apenas o effeito, o resultado cinematico dos methodos de Murnau. E esse não se recommenda muito. Nada de novo traz para o Cinema.

Quanto ao pequeno numero de letreiros é bastante lêr-se a descripção do film para se concluir que Murnaum p r o c u r o u material para os evitar. Elle escolheu essas duas situações extremamente simples justamente para pôr em pratica a sua pretensa theoria de films sem letreiros. E para os evitar mais ainda e evitar tambem de ser acoimado de director de film de duas partes, **encheu linguiça**, como se diz vulgarmente, em toda a metragem que vae da primeira á segunda situação.

"A Ultima Gargalhada" f o i realmente um film notavel. Realizou muito mais do que "Aurora", embora o seu thema fosse ainda mais simples. Mas ao menos, era um todo homogeneo. E apresentou pela primeira vez u m a intelligente movimentação de **camera**.

A verdadeira gloria de ter apresentado um film sem letreiros, não como m é r a habilidade, mas, sim, como passo para o progresso do Cinema, cabe a D. W. Griffith — pois, como devem saber os leitores, o seu "Lyrio Partido" foi exhibido pela primeira vez sem letreiros. Depois... a Bilheteria reclamou...

O trabalho de George O'Brien foi todo estylizado por Murnau. E' um verdadeiro automato, um homem sem alma nem coração, um descendente de **Golem**. Aliás, todas as figuras de Murnau têm parentesco com o **Golem**... Janet Gaynor, aquella artista extraordinaria de "O Setimo Céo", tem um desempenho sombrio; ella trabalhou como que algemada. Margaret Livingston, a gente nem tem tempo de lhe pôr os olhos em cima. Eddie Boland, Jane Winton, Arthur Housman, J. Farrell, Mc Donald e Bodil Rosing são outras nuances exquisitas de Murnau.

"Aurora" é inteiramente de Murnau: os seus 80 % de exquisitices, como os seus 20 % de Cinema Puro.

Cotação: 7 pontos. — P. V.

Imperio

SACRIFICIO INUTIL (Chicago) — Pathé-De Mille — Producção de 1928 — (Ag. da Paramount).

A gente adivinha através do film que a peça de onde foi extrahido era um esplendido melodrama, moderno, com caracterizações bem desenhadas, um estudo psychoanalytico central de grande alcance e uma bôa dóse de satyra intelligente, de critica ferina ao apparelho da justiça. Adivinha porque no cáos que se vê de scenas bem dirigidas e bem representadas sente-se, de quando em quando, aonde quiz chegar o autor da peça. E a gente sente, tambem, um pouquinho de pena de Leonore Coffee e Frank Urson, que não o comprehenderam. Uma e outro, scenarista e director não fizeram mais que transportar para a téla o material melodramatico, amoldal-o dentro das fórmas mais em voga ditadas pelas bilheterias dos Cinemas e carregar no sentimento barato, para melhor attingirem o coração das massas.

A acção decorre toda em Chicago, em plena effervescencia do seu **bas fond**, o mais movimentado e perigoso do mundo. O caracter central é uma creatura divinamente bella e diabolicamente má, producto do meio em que vive. O marido é um joven de bons sentimentos que quasi é posto a perder por amor della.

A versão cinematica não deu o realismo necessario a **Roxie Hart** e adocicou demais o marido. A situação culminante é o julgamento da criminosa. Ahi é onde reponta com mais vehemencia a satyra, a critica mordaz aos processos da justiça humana. Aliás, em quasi todas scenas a gente adivinha essa intensão do autor.

Quanto ao resto é tudo já muito conhecido. O final podia ser uma belleza; mas, além de ser anti-climatico, é falso, é convencional, é demasiadamente popular. Ha varios symbolos de grande belleza, que perdem a metade do valor de tão accentuados. O do **pierrot** e o do jornal, para não citar outros. Aquella meia preta tambem é um detalhe profundo.

Phyllis Haver tem um bello desempenho. Exagera, ás vezes. Mas a culpa é do director. Victor Varconi e s t á completamente deslocado. Robert Edeson vae bem. Julia Faye, Warner Richmond, T. Roy Barnes, Eugene Pallette, Clarence Burton, Otto Lederer e a candida Virginia Bradford completam o elenco, todos com bôas **performances**.

Cotação: 6 pontos. — P. V.

GLORIA

GLORIAS DA MOCIDADE (The Spirit of Youth) — Tiffany - Stahl — Producção de 1929 — (Prog. Serrador).

Forneceram ao scenarista um pequenino e fraco **plot** — um marujo gosta de uma modesta pequena até o dia em que conquista glorias e fortuna, quando esquece o primeiro amor por um novo, varios gráos acima, na escala social. Deram-lhe, tambem, tres lutas de **box**, uma das quaes destinada a levantar a acção ao seu ponto culminante. E lhe recommendaram que misturasse um pouco de comedia, carregasse nas tintas da virtude e um pouco mais nas da villania, e terminasse tudo para maior felicidade do casal de heróes, fosse lá como fosse. E o resultado é este — "Glorias da Mocidade"; film fraco, com fartura de coincidencias, illogico. Com um pouco de bôa vontade consegue ser divertimento soffrivel. Betty Francisco e Dorothy Sebastian attenuam em parte a sua fraqueza. Larry Kent, vestido a marinheiro, fica bem... Douglas Gilmore é um rapaz fervoroso...

Cotação: 4 pontos. — P. V.

MAL DE AMOR (Saturday's Children) — First National — Producção de 1929.

A divina Corinne Griffith não póde cobrir-se de andrajos, nem fazer serviços pesados. Ella nasceu para brilhar na téla e dar brilho ás mais maravilhosas **toilettes.** Entrou para o Cinema com a sina de enfeitiçar a todos em cada **close-up,** mesmo quando o film tem vida propria. Ora, neste film a natureza do seu papel não lhe consente ataviar-se como de costume. Ao passo que o film, embora com um thema bonito e trechos em que estão bem exaltados os valores dramaticos, não é daquelles que têm a qualidade de fazer esquecer a belleza e a elegancia da estrella. Accresce a circumstancia de Corinne não ter sido feliz com o operador.

Gregory La Cava só de raro em raro lembra-se de que já foi um bom director.

Nestas occasiões é que consegue fazer um pouco de ironia e resaltar o amargor de algumas situações. O trabalho da dama divina não é um primor. E' muito estatico. E, no entanto, é quasi todo exterior, Grant Withers, Alma Tell, Lucien Littlefield, Albert Conti e Marcia Harris completam o elenco.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

Capitolio

O CAVALLEIRO OUSADO (The Fighting Eagle) — Pathé-De Mille — Producção de 1927 — (Ag. da Paramount).

Um romance amoroso que medra em pleno fragor da deslumbrante epopéa napoleonica. E um romance amoroso condimentado com os perigos e heroismos de que foi tão pródiga essa phase da Historia. Mas não se alvorocem os leitores — o caracter central do film — Etienne Gerard — toda a sua audacia innata, toda a sua incoercivel paixão de aventuras, o seu espirito elevado, o seu bom-humor, a sua agilidade espantosa, tudo isso e um pouco mais se estiolou na visualização extremamente objectiva de Douglas Doty, na direcção pouco firme de Donald Crisp e, principalmente, na nenhuma adaptabilidade de Rod La Rocque ao papel. Não passa de uma narrativa superficial de uma bella aventura. Donald Crisp fez com Marx Barwyn um **Napoleão,** que parece mais o gato **Felix,** além de o ter descido até á condição de simples auxiliar de **Etienne Gerard.** Phillys Haver monopoliza as attenções dos fans. Sam De Grasse faz desgraçadamente o astuto **Talleyrand.** Sally Rand toma parte

Cotação: 5 pontos. — P. V.

CENTRAL

THEREZA RAQUIN (Thereze Raquin) — Producção de 1928 — (Prog. M. G. M.). — De pois que o Cinema **yankee** irrompeu no Brasil, alijando do caminho todos os seus rivaes nunca mais tivemos, nós brasileiros, o ensejo de poder continuar a aquilatar dos progressos do Cinema Europeu por meio de provas regularmente exhibidas. Entraram a rarear os films europeus. Só de vez em vez lá desponta uma producção da velha Europa, as mais das vezes mediocre e muito longe de representar a sua arte cinematica.

As rarissimas que aqui vêm são más, na sua maioria. Só por um milagre, no meio dellas vem, esquecida, ignorada, uma bôa producção. E essa, para cumulo da infelidade, mutilada, soffre nova mutilação aqui e se estiola o seu valor por entre letreiros de uma literatura pedante e desnecessaria. Olhem o caso de "Napoleon". O de "D. Juan ". E outros.

Ouvimos falar de Abel Gance, de Renée Clair, de Marcel L'Herbier, de Jacques Feyder. E nada de virem os seus films. E quando vêm é como já ficou dito; ou então, soffremos uma desillusão tremenda ao verificarmos que o idolo europeu só o é por razões que só os europeus entendem. Com Jacques Feyder, aliás, já aconteceu isso. Vocês lembram-se de "Carmen"? Pois foi elle quem dirigiu aquillo...

Mas não ha nada como a gente reconhecer um erro. Depois que eu vi "Thereza Raquin" mudei inteiramente de opinião a respeito desse director. E eu que já estava propenso a agradecer aos céos o poupa-rem-nos do tormento dos films francezes passei a desejal-os, principalmente os que trouxerem o nome de Feyder, de Gance, de Clair e de L'Herbier. Porque "Thereza Raquin", se não é um grande film é, comtudo, uma prova irrefutavel do valor da nova escola franceza de Cinema.

Vocês devem conhecer a obra de Zolá, pelo menos de outiva. E' uma obra formidavel, de um realismo que esmaga, de uma riqueza de detalhes tal que desenha nitidamente na imaginação do leitor cada quadro que o autor descreve; o drama que encerra é commovente, é emocionante, empolga, avassala e termina numa tragedia pavorosa. Por ahi podem vocês avaliar o perigo a que uma tal obra expõe um cineasta. Era preciso muita habilidade, profundo conhecimento de valores dramaticos e ter uma perfeita noção de equilibrio. Muito facilmente uma obra assim redunda, na téla, em um conglomerado de situações de dramaticidade forçada, cimentadas por vastas camadas de **hokum.** Jacques Feyder, vê-se, leu e comprehendeu o livro de Zolá. Senhoreou-se delle inteiramente. Refundiu-o. Transformou-o. Visualizou-o. E traduziu-o em imagens.

O film não é perfeito. Tem defeitos. O mais grave dos quaes é a fórma da narrativa. Feyder, com facilidade, evitaria metade dos subtitulos que apparecem. E com um pouco mais de trabalho desfaria a outra metade e daria ao film um estylo mais perfeito, apurando-lhe a fórma. Entretanto, mesmo assim, com todos os subtitulos, é um esforço cinematico verdadeiramente apreciavel. Ha sequencias de um subjectivismo incomparavel. A primeira é uma das cousas mais bellas que o Cinema tem apresentado. São capitulos da obra escripta que vôam através da imaginação do "fan" em poucos segundos, sómente por uma impressão visual.

Jacques Feyder imprimiu um lavor de direcção de valor inestimavel nesses poucos metros de celluloide. A sequencia do jogo, a do quadro, a do crime, e as finaes não são menos cinematicas. Tudo nellas, a representação admiravel de todo o elenco, o rythmo das scenas, os planos descriptivos, em que entram em jogo movimentos de olhos e subtilezas de expressões faciaes, os detalhes primorosos que descrevem caracteres e revelam paixões, a ambiencia sombria, que envolve todo o drama, a belleza maravilhosa dos claro-escuros e a intensidade dramatica elevada ao maximo grão na culminancia, tudo nella, deixa bem patente a elevação a que attingiu o talento cinematico de Jacques Feyder.

"Thereza Raquin" é um dos maiores films francezes que tenho visto. E' uma obra digna de um grande director. E' um drama real que termina tragicamente sem por um centimetro siquer beirar o sentimental e o exagero proprio do dramalhão.

Gina Manés é a figura principal. Grande parte da belleza e do realismo do seu trabalho pertence ao director; ainda assim, o que sobra dá para consagrar uma grande, uma sincera artista. H. A. Von Schlettow deixa a desejar como typo para fazer o **Laurent;** mas o seu trabalho é egual e honesto. Wolfgang Zilker, depois de Gina, é o melhor do elenco. E' uma interpretação soberba a sua!

Não percam "Thereza Raquin"!

Cotação: 8 pontos. — P. V.

Rialto

RAINHA LUIZA E NAPOLEÃO (Koenigin Luise und Napoleon) — Ufa — Producção de 1928 — (Prog. Urania).

Um drama historico dos tempos em que Napoleão procurou esmagar a Prussia. Apparecem muitas scenas historicamente verdadeiras; a todo o momento enchem a téla letreiros genuinamente historicos, quer sub-titulos, quer titulos falados, quer simples inserções de cartas e documentos; a atmosphera de ameaça é sustentada com habilidade; e a verdade dos ambientes e da indumentaria pouco deixa a desejar. O drama, apesar de não possuir quasi nem um dos elementos de agrado, que a bilheteria consagrou, é intenso e sentimental.

Mas, Karl Grune traduziu tudo isso em imagens tão mal encadeadas, preoccupou-se tão pouco com a psychologia das personagens e tanto com a belleza dos apanhados, perdeu tanto tempo em surprehender attitudes historicas, escolheu tão mal os typos, e esticou tanto o sentimentalismo do final, que o film não consegue sahir da vulgaridade. Entretanto, é capaz de divertir e instruir qualquer platéa. Não emociona estheticamente; mas diverte. Mady Christians, Haus Mierenderf, Charles Vanel, Lotte Lorring e outros tomam parte.

Cotação: 5 pontos.. — P. V.

MULHER EM CHAMMAS (Weib in Flammen) — Ufa — Producção de 1928 — (Prog. Urania).

Uma historia de condessas e condes, barões e baronezas, marquezes, e outros fidalgos. Thema austero; historia pesada, construida sobre situações conhecidas: um pae, que, para separar o filho da nóra errada, faz com que elle não encontre emprego e se veja na contingencia de appellar para o poder paterno. Max Reichmann compoz um fim interessante sobre essas bases pouco solidas. O drama é intenso é humano e os contrastes estão bem encadeados. O final ; espectaculoso. O destino das personagens decide-se no brazeiro de um pavoroso incendio. E' um incendio de Studio, mas muito bem feito.

Salienta-se, tambem, ahi, a direcção de Max. Apparecem detalhes muito felizes. E' pena que o tratamento não seja mais moderno. Olga Teschechowa é a estrella. Os outros componentes do elenco têm uns nomes tão complicados que eu não me atrevo a cital-os...

Cotação: 6 pontos. — P. V.

DIABRURAS DE CUPIDO (Fraulein Chauffeur) — Ufa — Producção de 1927 — (Programma Urania).

A maneira errada de montar comedias. Um enredo futil, leve, tal qual o requerid opor esse genero de films.

Mas muito maltratado pelo director, que se divertiu em exagerar os gestos e as expressões dos interpretes e só tirou partido justamente do que de mais theatral existia no **plot.** Só de longe em longe a gente se digna sorrir discretamente.

E isso mesmo quando a téla se illumina com a graça de Mady Christians.

Não podiam ter encontrado um sujeito peor para galã do que Johannes Riemann. Feio, sem graça, representando pessimamente, é um verdadeiro azar que atrapalha a linda Mady. Lotte Lorring é outra bonita figura feminina.

Cotação: 4 pontos. — P. V.

O AMOR DE JEANNE REY (Die Liebe der Jeanne Rey) — Ufa — Producção de 1928 — (Prog. Urania).

Um film meio atrapalhado. Começa bem, num fundo de revolução e esboçando um idyllio interessante em meio á podridão do ambiente. De repente, toma um caminho completamente differente e acaba como film de aventuras policiaes. O seu scenario tem muitos outros defeitos além deste, mais do autor do que do adaptador. Pabst, o director, falha constantemente; ora apresenta episodios de valor com detalhes profundos e opportunos, ora perde tempo com factos sem a menor influencia na construcção do film, ora deixa-se tentar por estudos psychologicos, que mal conseguem passar de ridiculos. Além disso segue os passos da velha escola germanica, que entende ser realismo cinematico remexer em immundicies moraes e materiaes.

Não me atrevo a dizer que seja uma tendencia má ou mesmo perniciosa. Mas o facto é que no Cinema, particularmente, os melhores resultados se conseguem com o realismo limpo, que afinal de contas é o verdadeiro realismo.

Como já disse é um film que conta com trechos de valor espalhados aqui e ali no seu decorrer.

São trechos esparsos, entremeiados de largos periodos de monotonia, ricos de detalhes inuteis e até irritantes.

O elenco, com excepção de Brigitte Helm, deslocadissima, é uma notavel collecção de gente feia, antiphotogenica e sem a menor inclinação para o Cinema.

Dentre todos destacam-se Edith Jeanne e Fritz Rasp..

Póde ser visto.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

PHILLYS HAVER TEM UM BELLO DESEMPENHO EM "INUTIL SACRIFICIO"

Jeanette Loff

Carol Lombard

Agonia de Jerusalem

NO alto do monte Olivete, em Jerusalem, residiam o professor Verdier, velho douto em theologia e sua esposa, paralytica desde havia muitos annos. Na sua velhice exilada, longe do mundo e de todos, a unica esperança que encontravam os bons velhinhos era o filho unico do casal, Jean Louis, a quem haviam mandado, á custa de não pequenos sacrificios e economias, estudar em Paris, a cidade luz do universo.

Mas, emquanto os exilados da Palestina, no seu tosco recolhimento, julgavam que o rapaz se entregava aos estudos, para recompensal-os dos sacrificios feitos, tal não acontecia, pois que Jean, arrastado pelas más companhias que frequentava, tornara-se um descrente, um viciado e, o que era mais, um revoltado social, pois que abraçara as doutrinas communistas, chegando a trocar o seu nome pelo appellido symbolico de Sirias, com que era conhecido no seio dos grupos communistas.

Um dia porém, um máo espirito levou a infelicidade ao seio da mansão humilde dos Verdier, fazendo-os sabedores de tudo. Esse perverso foi Larzac, agente do communismo em Jerusalem, um covarde que, vendo-se repellido nas suas pretensões criminosas por Alice, a noiva da infancia de Jean que continuava a esperal-o, fazendo companhia aos velhos, não teve duvida em remetter ao professor Verdier jornaes communistas de Paris, nos quaes o nome do moço academico apparecia posto em evidencia, como figura de destaque da campanha de desorganização social. Com o coração dilacerado, cheio de dôr, ferido nos seus sentimentos e na sua honradez nunca manchada, o velho Verdier embarcou para Paris, á procura do filho. Foi encontral-o entre communistas, no momento exacto em que perorava em publico, falando contra a patria e fomentando a destruição da familia.

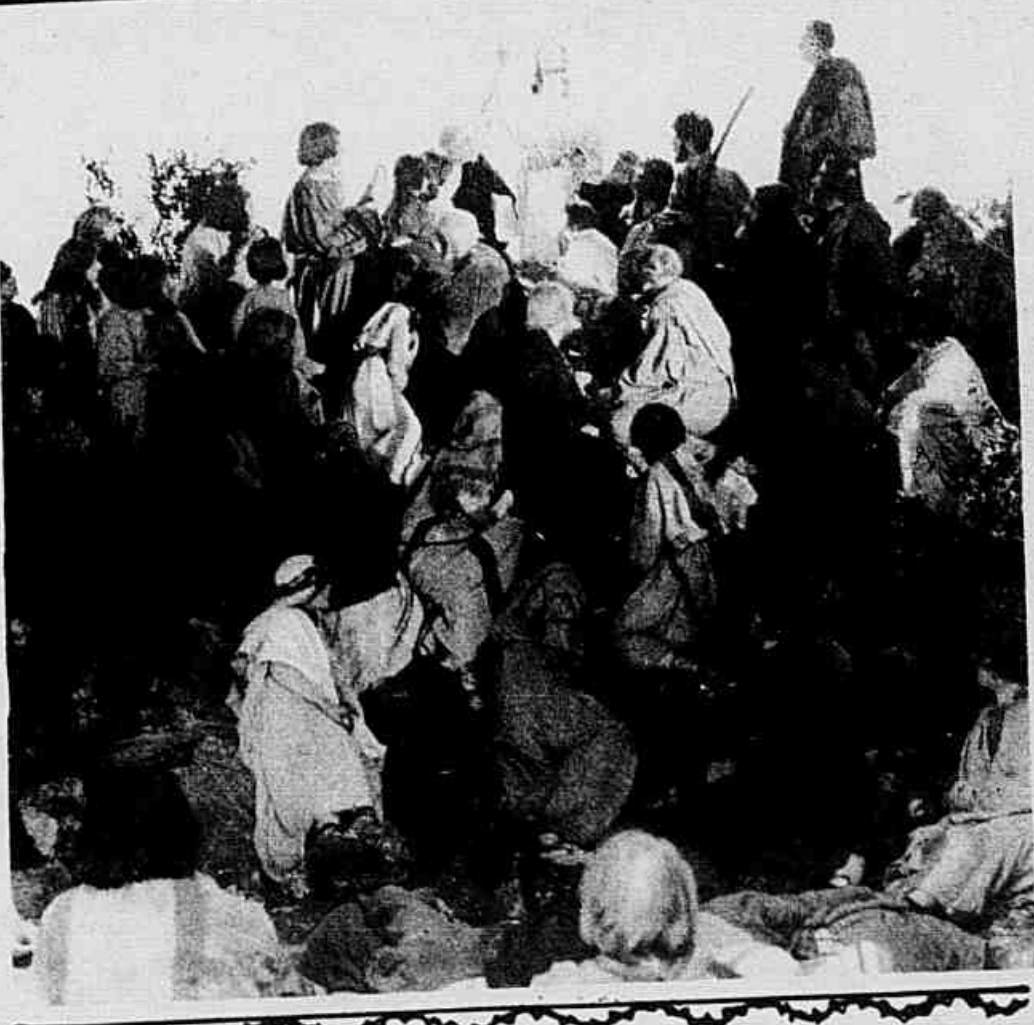
Pae e filho encontram-se frente a frente. O transe foi supremo para ambos. Do encontro resultou um tumulto, durante o qual, ferido com uma violenta pancada na cabeça, Jean Louis rolou por terra, desmaiado e, mais ainda, cégo para sempre, em virtude de uma violenta commoção cerebral.

E pae e filho voltaram para Jerusalem, entristecidos e vencidos. A alma de um curvava-se ao peso dos remorsos, reconhecendo o erro que praticára, emquanto que o outro, pae amantissimo, não se julgava no direito de abandonar o filho no instante doloroso, por grandes que fossem os erros por elle commettidos no passado. Alice foi, na Palestina, a doce assistente, a companheira boa do invalido. Juntos andaram a percorrer os logares santos, a pisar a terra que seculos antes tinha sido pisada pelo Salvador da humanidade. Ella contava-lhe as velhas lendas do christianismo, falava-lhe da Vida e da Paixão de Christo, contava-lhe os martyrios que soffreu o doce Nazareno. Elle, incapaz de ver o mundo circumdante, via, dentro de sua retina morta, aquellas scenas pungentes e sentia que em sua alma, rebelde até então, brotava outra luz, outros ideaes, outra vontade. Sentia-se regenerar a pouco e pouco. E um dia, numa Sexta-feira Santa, ouvindo a repetição do martyrio do Filho de Deus, sentiu de tal modo a tragedia infinita, soffreu tanto a imaginar o soffrimento do Salvador que recobrou a vista, confirmando a predicção do medico ao garantir que elle recobraria a visão no dia em que soffresse uma forte commoção cerebral.

Depois... Jean Louis chegou ainda a tempo de evitar que Larzac, obedecendo a

(Termina no fim do numero)

FILM DA CREDO FILM DE PARIS

O professor Verdier	Maurice Schutz
Larzac	Gaston Jacquet
Jean Louis Verdier	Van Daele
Madame Verdier	Berthe Jalabert
Alice Lercy	Margarite Nadys
Jesus de Nazareth	Lionel Salem
Judas	M. Franceschi
O Archanjo	M. Reggiani.

Prohibidos

Para desvendar o verdadeiro segredo dos seus corações apaixonados, analysei com a maxima attenção os seus queixumes. Para comprehender, necessario se torna ouvir toda a historia, que é bem triste...

ante semelhante pergunta. E' que já tivéra occasião de servir de companhia a Lupe Velez, mas Gary não sabia disso...

A segunda vez em que a viu, foi no escriptorio de Victor Fleming, no

"Nós não estamos compromettidos seriamente. Não nos vamos casar, mas gostamos muito um do outro".

Tal é a situação romantica em que se empenham Lupe Velez e Gary Cooper. Quando Gary deu-me essa opinião, eu fiquei desnorteado. Desnorteado por causa de dois jovens enamorados que se amam com cruciante ardor mas que não podem ligar-se pelos sagrados laços matrimoniaes. E' isso, talvez, um pretexto para um futuro e inesperado casamento, ou haverá alguma cousa de extraordinario em tudo?

A segunda vez que Gary Cooper viu Lupe Velez, foi quando Victor Fleming chamou-os para posarem juntos. Assim que a encontrou, elle exclamou logo: — "Creio que não ha homem que não perca a cabeça por causa de uma creatura como esta! "Depois disto...

Elles se conheceram em um jantar offerecido ao Principe Jorge pela actriz Mary Pickford. Lupe se introduziu no salão com tamanha arrogancia que até parecia um desafio atirado ao rosto dos presentes.

Gary Cooper, acostumado a encarar os mais raros typos de belleza, acceitou o desafio, sympathisando-se com aquella mulher, talvez "a mais bem vestida entre as demais presentes". Com um sorriso malicioso nos labios dirigiu-se a Tom Mix que se achava ao seu lado:" Caramba! E' esta a creatura que se chama Lupe Velez, não é?".

Tom talvez se sentisse magoado

Studio da Paramount. Estavam para representar juntos em "Canção do Lobo". Nessa occasião, é claro, já a conhecia de sobra. E teceu logo commentarios a seu respeito!." Creio que não ha homem que não perca a cabeça por causa de uma creatura como esta. Tirei a conclusão de que ella não era seductora somente a meu ver, porém, capaz de attrahir com as suas maneiras subtis o mais sisudo dos sisudos.

Naturalmente, ouvi rumores sobre ella. Muitos e variadissimos. Qual é a mulher attrahente que em Hollywood não tenha rumores em penca a se agitarem em seu redor?

de Casar!

Ella estava indomavel, inconstante e caprichosa. Considerava os homens como simples brinquedos — brinquedos faceis de romperem-se como bonecos de creanças.

Felizmente, não ligo lá a minima importancia acerca de rumores. As linguas ferinas e seus respectivos mexericos em Hollywood são banalidades que sobrepujam a mente doentia de certas creaturas. E ellas, então, se põem a falar da vida alheia...

Seja como fôr, eu quiz aventurar-me, isto é, experimentar o seu amor sem, comtudo, apaixonar-me desesperadamente. E tal se deu na occasião em que estavamos para iniciar a filmagem de "Canção do Lobo", no alto das "Sierras". Poucos dias depois ella veiu tambem. E, por conseguinte, quando alguem está ao ar livre, sozinho, com uma mulher...

Sentamo-nos sobre uma enorme rocha sob um sol abrazador emquanto que os demais companheiros tiravam photographias de scenas. A' noite, fomos dar um gyro, justamente na hora em que o luar illuminava com um argenteo clarão os pinheiraes que pareciam attingir á magnificencia dos céos. Tudo isso é um pouco de poesia que uma viagem longa nos proporciona, unindo-nos alma á alma. Campos apartados, desertos sem fim, montanhas gigantescas são creações de Deus mas dão-nos a impressão de que o mundo é uma deliciosa conjuntura...

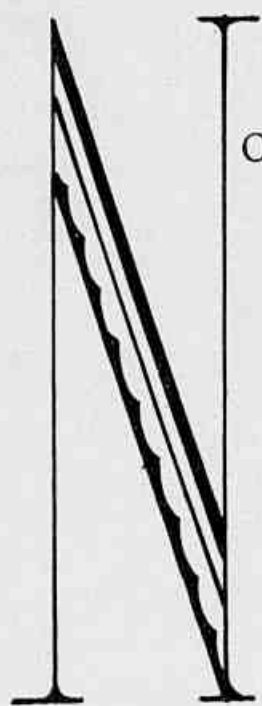
Falei e ella falou. Falou tambem do seu torrão natal, o Mexico; as revoluções, habitos e costumes de seus povos indianos. Em retribuição ás suas gentilezas conteilhe acerca de montaria em vaccas e arriscadissimos passeios á cavallo nos logares montanhosos, enumerando ainda o progresso invejavel de nossos indios americanos. E após esses dulcissimos dialogos, fiquei convencido de que estava ao lado de uma moça encantadora, uma mulher que Hollywood em peso não podia comprehender, pois Hollywood não é uma cidade que acha que as apparencias não illudem... Mas..."

Gary emmudeceu. Fiquei perplexo. Estaria elle disposto a revelar-me algo dos seus dias de luta titanica? Seria capaz de divulgar-me a respeito do seu primeiro esforço que transformou-se em amor? Os criticos não se mostram mui enthusiasmados com a confecção do film "Canção do Lobo", porém se elles soubessem da historia verda-

(*Termina no fim do numero*)

Gary Cooper, na "Canção do Lobo", que foi tambem a canção do seu amor...

Elles amaram no film, e continuam amando na vida real... Mas elles não podem comprehender porque todo mundo é contra o seu casamento!

Lupe Velez sempre foi indomavel, inconstante, caprichosa. Considerava os homens como simples bonecos. Mas agora...

NOS mais dramaticos e sombrios momentos da guerra européa, quando no entrechoque das tropas inimigas se sacrificavam milhares de vidas na triste porfia da morte, lá no norte da França uma pequena fazenda se transformava em quartel-general do Real Corpo de Aviação Ingleza, pelas condições admiraveis do seu terreno e mesmo pelos privilegios da sua situação topographica. A dona da fazenda, alma patriotica de franceza, acceitou a situação que as circumstancias lhe impunham com satisfação, esmerando-se em bem tratar os sete aviadores que se installaram em sua casa. Por sua vez, a pequena Jeannine, sua filha, procurava bem servir os aviadores, tratando-os com carinho, animando-os e confortando-os. Era com o coração preso de amargura indescriptivel que ella todas as madrugadas via a esquadrilha galgar as alturas e desapparecer lá ao longe, orando fervorosamente pelo destino dos aviadores e pedindo a Nossa Senhora de Lourdes enthronizada em sua casa que lhes poupasse a vida. Uma tarde, o olhar vagando pelo espaço, na ansia de revêr os aviões que demoravam, sorriu vendo-os todos apparecer... Mas em pouco, os olhos molhados, reparou que um delles, descrevendo circulos descambava violentamente, sem controle para espatifar-se cá em baixo. Poucos minutos lhe restaram de vida. Os bastantes para morrer nos braços de Jeannine... Este facto vem trazer o desanimo ao espirito dos

(LILAC TIME)
Film da First National Pictures com Colleen Moore, Gary Cooper, Burr McIntosh, George Cooper, Cleve Moore, Kathryn McGuire, Eugenie Besserer e E. Chautard

aviadores que recusaram a ceia, preoccupados com o desapparecimento do companheiro. Tanto quanto elles Jeannine sentiu-lhe a ausencia mas para encorajal-os, fez tantas diabruras que elles acabaram comendo. Como de praxe os aviadores em meio da ceia levantaram os copos em memoria do companheiro perdido, cujo copo, partido em meio, foi collocado numa prateleira onde se iam accumulando os dos que iam morrendo.

Ao dia seguinte mettida num macacão, o rosto todo sujo de oleo, tal um rapazinho, Jeannine voltava de um "hangar" quando viu approximar-se um avião. Quem o dirigia ia aterrissando ali mesmo, mas não o fez porque Jeannine, com medo de ser apanhado por elle lhe ficou dansando á frente.

O aviador, então, para não colher o rapazinho fez uma aterrissage forçada que por um triz não lhe custou a vida. Mas pulando em terra, em meio ao apparelho damnificado, sua primeira idéa foi correr sobre o que elle julgava um rapazinho, descompondo-o e ainda lhe applicando um ponta-pé. Censurado pelos collegas que lhe disseram que o "rapazinho" era uma mulher, o recem-chegado, o capitão Philippe Blythe, que vinha occupar o logar vago, pediu-lhes desculpas mostrando-se arrependido. E á hora do jantar, com grande surpreza, soube que a pequena com quem tivera o estranho incidente no campo, era precisamente aquella que ali estava, animando de alegria a sala de jantar. Achou-a linda e sentiu, dentro em si, todas as vozes do coração clamarem por ella. Jeannine, do mesmo modo, sentira irresistivel sympathia por Philippe, olhando-o de maneira como até então não olhara outro homem. E disposta a brincar com elle serviu-o das asas magras de um frango... Philippe quasi não jantou indo procurar matar a fome lá no seu quarto, numa lata de biscoitos... Jeannine, a esse tempo, arrependida da maldade que lhe fizera, preparou-lhe duas "sandwichs" levando-lhas, sem reparar, entretanto, que os outros aviadores haviam posto grande quantidade de sal numa dellas. Deliciosos momentos passaram os dois juntos, emquanto Philippe saboreava a "sandwich" que os collegas não tocaram, só provando a outra quando Jeannine se afastara!

Cheio de raiva jogou fóra a "sandwich" e ao dia seguinte quando Jeanni-

o Destino escolheu essa noite para elles prometterem um ao outro as sinceridades da grande affeição que os unia precisamente porque no dia seguinte, bem cedo, Philippe e os companheiros iam partir para o mais brutal e sangrento encontro com ordens de l u t a r até... cahir!... Bem cedo partiram os sete azes para a morte... tendo Philippe antes, promettido voltar, pedindo a Jeannine que o esperasse. Sem se conter entregue ao maior desespero, Jeannine viu o namorado partir.., Horas depois toda a população daquelle logarejo recebia ordem para fugir, pois as tropas allemãs se approximavam. A senhora Berthelot, apavorada, reuniu em duas trouxas tudo que poude reunir no primeiro instante e vencendo os protestos da filha, Jeannine, a foi arrastando em meio a onda humana que se movia pela estrada.

Ainda não tinham andado um kilometro quando Jeannine, conseguindo ludibriar a vigilancia da mãe, voltou ao povoado deserto...

* * *

Jeannine ia avançando pelo povoado em abandono quando ouviu, lá no alto, o ruido dos motores de um avião. Voltou os olhos para cima na ansia de vêr se era Philippe que voltava, mas recuou, cheia de pavor, pois nelle reconhecera um avião inimigo. E disso, teve logo em seguida, plena confirmação assistindo ao bombardeio terrivel e deshumano que com poderosas bombas fizeram, arrazando o logarejo e desapparecendo para ir ceifar novas desgraças mais adeante. Arrastando-se por entre escombros, Jeannine approximou-se de sua casa tambem em ruinas, ahi se deixando ficar horas a fio... até que o barulho de um motor lhe arrastou os olhos para o alto. O que viu lhe regelou o sangue nas veias: era um avião inglez em luta com um allemão. A alma talvez lhe segredasse que dentro daquelle avião estava o seu querido. O que se lhe passou na alma sua propria physionomia exprimiu...

Nunca Morre

ne se approximou nem a cumprimentou. Ella estranhou a sua indifferença e aproveitando o momento em que Philippe se afastou de perto do aeroplano que examinava, nelle se metteu, com tanta infelicidade que lhe destravou os freios, partindo o avião numa arrancada, campo em fóra. Num rapido instante todo o pessoal do corpo de aviação se juntou para deter o avião, attrahidos pelos gritos desesperados de Jeannine. O avião, correndo doidamente para um e outro lado, obedecia tão sómente aos movimentos que Jeannine fazia na ansia de detel-o.

E peor ainda aconteceu depois quando ella, inconscientemente, começou a despejar toda a carga da metralhadora do avião, com risco de ferir toda aquella gente. Afinal, o avião espatifou-se de encontro a uma arvore e Philippe, desesperado, correu sobre os seus escombros delles arrancando Jeannine, que escapara illesa.

E abraçava-a com toda a ternura quando, acompanhada de seu pae, delle, o General Blythe, lhe appareceu a noiva, lady Iris Rankin, que o convidou a beijal-a. Jeannine, que tudo aquillo assistiu, teve um choque violento! Não sabia que elle era noivo e já o amava loucamente!... Nessa mesma noite, graças a um acaso, os dois se declararam um ao outro o mais puro e ardente amor. E

Ao cabo de porfiada luta os dois aviões tombaram sem controle... A quéda do inglez ella acompanhou com interesse correndo sobre elle após ao seu violento choque com a terra. Com a força mascula que o desespero lhe deu ella foi abrindo caminho entre os escombros para chegar á "nacelle" e abraçar e beijar enternecida o namorado, o ultimo dos sete azes que tombara!...

Com grande difficuldade Jeannine fez parar perto uma ambulancia, cujos enfermeiros, surdos aos seus rogos, transportaram o ferido para o hospital de sangue mais proximo, deixando-a entregue a todas as suas afflicções, com o unico consolo: as lagrimas que chorava... E, vencida por mais esse revez, vinha ella andando pela estrada quando se lhe deparou, ferido e a estorcer-se em dores, o aviador allemão

(Termina no fim do numero)

Impressões de

(*Impressões e notas de viagem*)
(DE ADHEMAR GONZAGA)

Fay Wray

Gonzaga e Lola Salvi

O BOM film, aquelle que revela uma direcção firme, segura, orientada por um cerebro perfeito, mostra ás primeiras scenas ao que sabe interpretar, ao que sabe ver uma producção, que dentro desta existe algo de vida, a idéa, o pensamento que lhe sóem infundir as cellulas nervosas daquelle que lhe presidiu ao nascimento, á elaboração... Quanta vez é nullo o thema, fragil a afabulação, insignificante o interprete e entretanto da téla illuminada, no perpassar das scenas, no succeder dos quadros irradia a scentelha do genio directorial que faz mover simples bonecos e reveste a idéa da roupagem da fantasia romantica, que é apenas como que a excusa, a justificativa apenas dessa mesma idéa, tão somente.

Quantas vezes não temos visto a indignação dos autores com as "liberdades" que os directores tomam para com os themas, alguns famosos, celebrisados, que são sujeitos ao seu "veredictum" antes de seu transporte para a téla.

São innumeros os exemplos, tantos que não vale á pena relembral-os nestas chronicas singelas de uma viagem á terra do Cinema.

Tres instantaneos do casamento de May Mac Avoy.
(Photos "Cinearte")

E' que em geral elles não comprehendem differente como é o processo da elaboração de um romance, de um drama, de uma novella e o de um film, que o director no seu trabalho literario apenas busca o fio, a idéa, o pensamento para vertel-o, para traduzil-o em linguagem cinematographica.

Dahi, desse erro de apreciação, com os "talkies" de hoje em dia acreditarem cessado o imperio do director que irritadamente jamais puderam considerar mais do que um mero ensaiador encarregado apenas de methodisar o trabalho. Julgam chegado o momento de cederem elles o seu logar proeminente aos autores, aos que formulam a parte dialogada, que passa a ser a principal.

Pura illusão que se vae desfazendo! Ha uma grande, uma profunda differença entre o Cinema e o theatro. E é essa profunda differença que faz com que mais do que nunca se faça sentir na producção cinematographica a necessidade dos directores.

Um film é uma idéa, dizemos.

E' o director que insufla o espirito á producção. E' por isso que um corte impensado, um movimento mais rapido no apparelho de projecção, uma legenda desastrada ou desnecessaria deturpam essa idéa, estragam ás vezes uma producção inteira, golpeam a seriação intelligentemente estabelecida, transformam por fim um trabalho que podia ser uma obra prima, numa producção mediocre ou apenas supportavel...

Gosto de Von Strohein.

E' dos raros que se inteiraram já devido ao seu esforço, ao seu trabalho, á sua argucia á sua intelligencia, de tudo aquillo de quanto é capaz o Cinema. Para elle não tem limites as possibilidades do film como externador de emoções, de sentimentos, de aspectos, quadros da vida real, sob a "tenue nevoa da fantasia escondendo a nudez rude da verdade"...

Scena de "Marcha Nupcial".

Von Strohein é o artista que só considera a sua arte sem cuidar (e é isso o que o tem feito tantas vezes verificar como é doloroso o desabamento das desillusões) que com ser arte é tambem a cinematographia industria e que a dura realidade da exploração commercial traça limites que são intransponiveis barreiras aos cerebros mais povoados de sonhos e fantasias.

O productor na dureza da sua visão commercial não gosta de films de mais de dez rolos. Elle mede a vara, a covado, a metro e estipula limites á imaginação creadora, bitola as idéas e o seu desenvolvimento, fixa um padrão, standardisa emfim um typo e ai de quem se afasta dos canones consagrados pela exploração financeira!...

Por isso é que as producções que trazem o sinete genial do director austro-americano são por via de regra mutiladas cruelmente, por mãos sacrilegas guiadas por cerebros que só vêem no film o lado commercial, desprezada a idéa que o guiou em seu desenvolvimento sem medida...

Rex Ingram um dos poucos que viram "Ouro e Maldição" na integra, tal como o concebeu e realizou Von Strohein affirma que até hoje não apresentou o Cinema trabalho que de longe possa ser comparado a esse film. Von Strohein quando produz enxerga ante seus olhos um campo de intermina vastidão de que elle e só elle precisa os minimos detalhes e povoa de tantas e tão variadas imagens, a sua imaginação faz que se lhe deparem tantas opportunidades, tantos motivos que toda a medida é pouca para conter todos esses transportes, verdadeiros transbordamentos da imaginação que a media commum é pequena e dia a dia em febril actividade amontoa scenas sobre scenas sem attenção aos metros consumidos de pellicula e tudo perfeitamente concatenado, logicamente disposto, tão logicamente disposto que é absolutamente impossivel a intervenção inexoravel da tesoura sem risco imminente de fazer perder irremediavelmente todo o trabalho.

Gonzaga e Olympio Guilherme, caracterizado para "Fome".

Hollywood

Um film em 6.000 metros reduzido a 3.000 apenas dará longinqua idéa do thema tal como foi desenvolvido pela portentosa imaginação creadora de um director de facto, conhecedor de todos os segredos e possibilidades da arte cinematographica como Von Strohein. E entretanto, e isso o que sempre lhes acontece.

O film tem que ser reduzido ás proporções de um programma: tal é o "ukase" do gerente commercial. Quando foi da "Marcha Nupcial" elle nada quiz cortar.

A. Gonzaga e Raquel Torres.

Von Strohein e Fay Wray em "A Marcha Nupcial".

Von Sternbey, para quem appellaram os productores ao cabo do exame do film, excusou-se tambem de fazel-o, allegando ser uma verdadeira profanação eliminar tantas coisas de valor, tantas scenas grandiosas e perfeitas.

Fel-o afinal um iconoclasta qualquer e a versão que ficou diz o proprio autor não é mais do que um amontoado desconnexo de primeiros planos em que elle figura e figura Fay Wray.

E' por isso que elle costuma repetir melancolicamente: Ninguem chegar afinal a ver os meus films! O que delles se projecta são retalhos apenas, "rushes"...

Von Strohein é um dos poucos que encara o Cinema como Arte. Dahi as suas desillusões...

Na verdade em suas producções elle apparece sempre de monoculo e piteira que não acaba, Dale Fuller como creada, Maude George, de cabelleira branca, bancando condessas suspeitas que levam o tempo todo a empanturrar-se de caviar e a refrescar-se em banheiros mais luxuosos ainda que os de Cecil B. de Mille...

Eva Schnoor e A. Gonzaga em Hollywood.

mas quanta cousa a dizer ainda sobre o autor de "Maridos Cégos", "Esposas Ingenuas", "Ouro e Maldição" e porque não citar tambem — "A Viuva Alegre"? Isso que ahi fica dito nestas linhas preliminares serve apenas para dizer aos

(Termina no fim do numero)

O Laço de Amizade

(THE LEATHERNECK)

A amizade é um mysterioso laço que faz florescer a confiança. Exerce, portanto, uma influencia vital em todos os entes humanos, e para os tres inseparaveis amigos, Tex Calhoun, Otto Schmidt e Joseph Hanlen, essa influencia além de ser antiga, tornara-se cada vez mais benefica.

Encontravam-se elles, nesse dia, num descampado immenso da Mandchuria, ao norte da fronteira chineza. Tinham perdido tudo que possuiam, excepto um grande thesouro: A amizade!

O regimento desses tres destemidos soldados estava acampado na cidade de Tien-Tsin. No quartel, a ausencia dos tres amigos já tinha sido notada ha alguns dias, e o Capitão Brand mandou vir á sua presença o sargento Smiley, e perguntou-lhe:

— Sargento, por que é que você me mandou dizer que os tres soldados que tão mysteriosamente desappareceram, são desertores?

— Eu procurei, durante tres dias, os soldados Otto, Joseph e Tex, e não consegui encontral-os. Julgo que desertaram.

— Você pode julgar, mas não me pode provar que esses tres valentes rapazes são desertores.

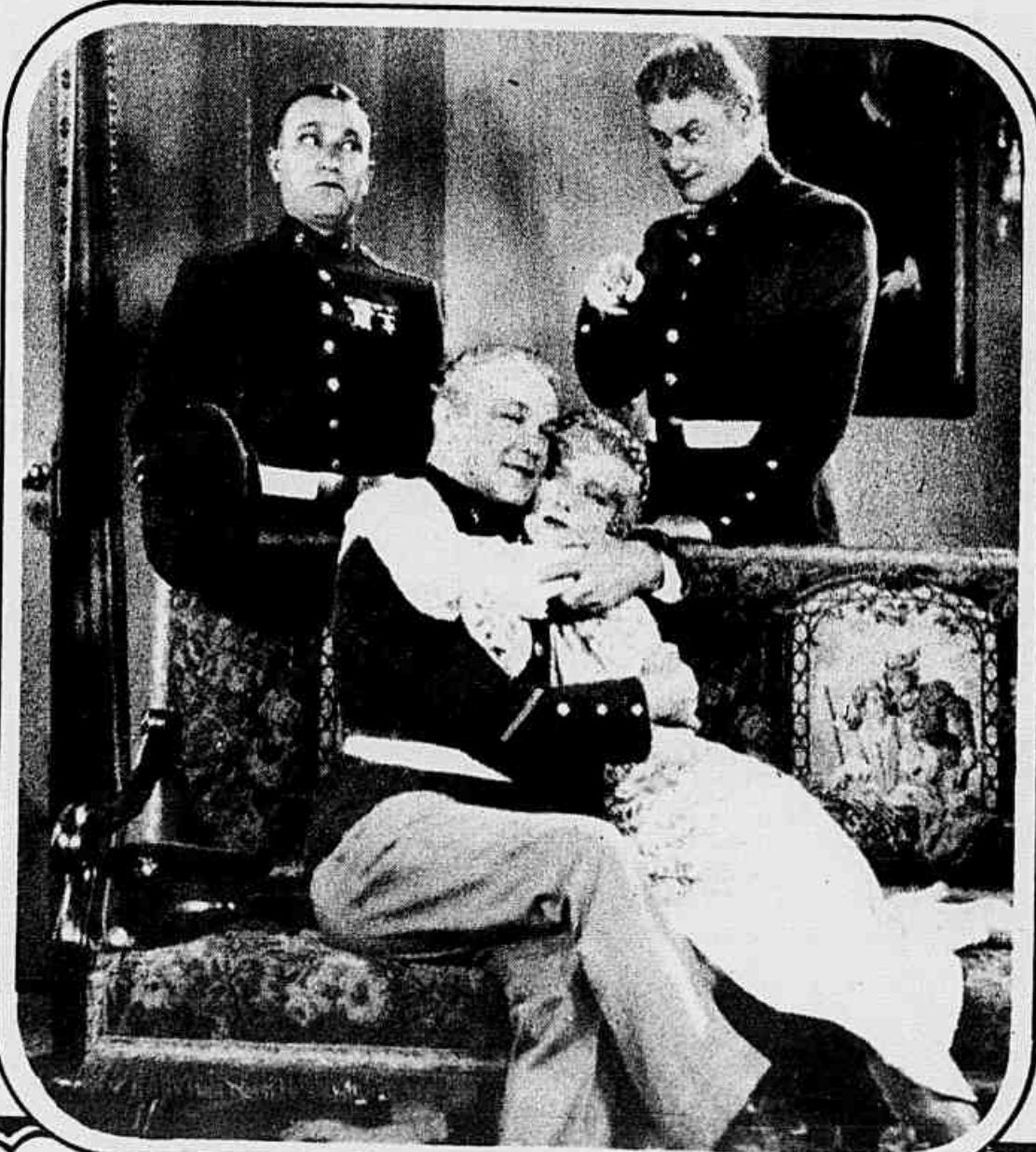
— Não sei! quero dizer... não sei onde elles estão!

— Você é que não sabe onde está, bradou o Capitão! Acho isto tudo inverosimil. Esses tres soldados são capazes de tudo, excepto de desertarem!

Nesse momento, um soldado veiu avisar que Tex e Otto tinham voltado. O Capitão foi immediatamente interrogal-os e conseguiu saber que Joseph morrera e Otto estava louco. Bem contra a vontade do Capitão, Tex é accusado de dois crimes. O de deserção e o de ter assassinado o soldado Joseph Halen, e dias depois é julgado por um Tribunal de Guerra.

— Queira relatar como foi que conheceu os soldados Otto Schmidt e Joseph Hanlen, interrogou o Juiz?

FILM DA PATHE'-DE MILLE

Tex Calhoun	William Boyd
Otto Schmidt	Alan Hale
Joseph Hanlen	Robert Armstrong
O Capitão Heckla	Fred Kohler
Tanya	Diana Ellis
Sergio	James Aldine
Petrovich	Paul Weigel
O Capitão Brand	Mitchell Lewis
O Sargento	Wade Boteler
Goofy	Jules Cowles
O criado	Michael Visaroff

— Foi em França, após o armisticio, redarguiu Tex Calhoun. Alguns prisioneiros allemães aguardavam ordens para serem soltos, e eu, com outros camaradas, estavamos encarregados de vigial-os. Otto Schmidt, então soldado allemão, andava triste, e como eu, sympathisava muito com elle, convidei-o a ir tomar um copo de cerveja, fóra do acampamento. Assim que chegamos ao botequim, outros soldados americanos do nosso regimento, protestaram contra a presença do allemão. Travou-se uma disputa que degenerou em conflicto. Só um soldado americano passou para o nosso lado, e defendeu-nos contra os nossos numerosos atacantes. Foi Joseph Hanlen, o soldado que injustamente morreu no deserto da Mandchuria, e de cuja morte estou eu agora sendo tão injustamente accusado. Claro está, que depois desse conflicto, Otto Schmidt, Joseph Hanlen, e eu, ficamos sendo amigos inseparaveis. Posto em liberdade, Otto foi fazer uma viagem, e tempos depois, Joseph e eu, soubemos que elle se naturalizou americano, mas foi sómente em Vladivostok, na Russia, que nós tres, nos tornamos a encontrar, e o nosso laço de amizade tornou-se para sempre indissoluvel. Foi nessa cidade que vim a conhecer o Capitão Heckla, reformado ha alguns annos, e que se dedicara á politica, conseguindo ter bastante influencia, apesar de ser um homem bastante mysterioso. Frequentava clubs retirados da cidade e desapparecia frequentemente durante muitos dias. Foi elle que nos levou á casa do Sr. Petrovich, cujos bens tinham sido confiscados pelos revoltosos, e que tinha um filho e uma filha. Petrovich, por felicidade, possuia uma mina de potassa na Mandchuria e vivia desse

(Termina no fim do numero).

Edmund Love

— FOX —

Cinearte

Dorothy Janis
(M. G. M.)

ANITA PAGE
(M.G.M.)

Madge
Bellamy
(FOX)
Cinearte

PAGINA DOS LEITORES

COMO SE EXHIBE UM FILM EXOTICAMENTE

Alagôa Grande (Parahyba) — Para quem está habituado com o conforto, commodidade e elegancia das casas de exhibições, no sul do paiz, interessa saber como é feita aqui em Alagôa Grande cidade da Parahyba do Norte, a propaganda e apresentação de um film.

E como a grandeza de nossa terra influe para que no proprio territorio nacional haja divergencia de costumes, não é de estranhar o que adeante segue-se. As duas horas da tarde dos sabbados, domingos, segundas e sextas-feiras, dias em que existem sessões cinematographicas, sae pelas ruas da cidade um mal redaccionado cartaz carregado por dois ou tres vagabundos, forrado de papel, pintado de anilina azul, cheio de grandes, mal feitas, e tortas letras que com a chuva transformam-se em borrões imitando um reclame a "la Busca del Ouro". Acompanham o cartaz mais dois garotos a tocarem numa velha peça de ferro com enorme pedaço de parafuzo de usina, instrumento odiado pela sua estridencia e monotonia. A's oito horas da noite inicia-se a unica, exclusiva sessão, que tem uma assistencia de trinta a quarenta pessoas e que após quebrar-se o film 40 e 50 vezes como succedeu com o film "O Maricas" termina sempre as onze da noite. A proposito, um commerciante aqui admirou-se quando viu um seu empregado depois da leitura do tal cartaz pedir para repousar no dia seguinte. O homem disse: por que motivo? Então o rapaz explicou: Não vê o senhor que a fita de hoje é de doze partes! Bem entremos no Cinema, vamos assistir um film de Jack Hoxie. E' uma casa em forma de grande chalet, sem forro nem ventiladores. Nas paredes reclames do cigarro tal, da casa tal da mercearia Leão do Norte e etc., etc. O mobiliario é quasi todo de cadeiras desconjunctadas e furadas, depois segue-se no centro uma larga fila de bancos de madeira e ferro, por ultimo na parte trazeira do recinto uma especie de curral cheio de moleques, fedelhos, garotos maltrapilhos, engraxates, carregadores, chapiados, o diabo emfim! E' o logar chamado a "segunda". Sentemo-nos. O film começa, a nossa direita está um homem que explica em voz alta á sua esposa alguma cousa do enredo que esta não comprehende direito. Em nossa frente está um senhor a quem pedimos "o favor de tirar o chapéo". Mais adiante uma mocinha quasi asphyxiada com a fumaça do "trocadero" que um tabaréo solta, emquanto commodamente finca os pés estendidos na cadeira da frente que está desoccupada. De repente quebrou-se o film, assovios, gritos, pancadas, o empresario vexa-se, sobe a cabine, reclama a falta de anarchia (erro occasionado pela ira), novos protestos, palmas de lisonja. O homem ruborisa-se, desce e folheia o diccionario de desaforos do prologo ao indice chamando os anarchistas de canalhas e etc., o publico fino tampa os ouvidos até elle acabar de pedir desculpas. Recomeça o film, pancadaria grossa, uma luta do protagonista, torcida da assistencia, novo barulho. No ultimo intervallo o proprietario sobe á cabine e annuncia brevemente "A Cabana do Pae Thomaz" por Castro Alves. Frége, Gargalhadas. Na téla do nosso Cinema nunca focouse um film da "United" e rarissimos da Metro e First chegam por aqui. O que nós assistimos mormente nos domingos, são films do farwest. Fóra disto, é a serie tal, ou qual. Finalmente os de peiores cotações e engeitados por fóra são que aqui se exhibem. E' commum encontrar-se na rua a molecagem permutando retratos recortados do "pae da mocinha" do "rapazinho", do "bandido" do "a favor" da "mysteriosa" do "chefe da quadrilha" ou do "mascarado".

E' lamentavel que em uma cidade de tanto progresso, de tanta vida commercial e de tão bondosa gente esteja assim descurada a unica diversão que existe. Basta dizer que com tudo isto aos domingos conta-se mais de 200 pessoas no salão do Cinema "duplo" para assistir films como acima ficou dito.

UM AMIGO DO POVO.

O CINEMA BRASILEIRO...

Nictheroy (Estado do Rio) — Adoro o Cinema mais do que qualquer outra arte... Pois foi através de seus raios luminosos, que conheci producções como "Ben Hur", "Tentação da Carne", "Os Dez Mandamentos", "Sangue e Areia", "O Rei dos Reis", "Viuva Alegre", "O Corcunda da Notre Dame", "A Féra do Mar", "Amor e Morte", "David o Caçula" e tantas outras.

Ainda foi o Cinema que tirou da obscuridade, do nada, e levou á victoria, os Chaplin, Pickford, Valentino, Murnau, Cortez, Fairbanks, De Mille, Novarro, Gilbert e La Rocque!...

Por que não podemos ter o nosso Cinema?... Nossos idolos?!

Films sahidos dos nossos studios?... Felizmente já existe o Cinema BRASILEIRO... Já temos Carlos Modesto, Eva Nil, Julio de Moraes, Gracia Morena, Eva Schnoor, Olympio Guilherme, Lia Torá, Lelita Rosa, e outros.

Já veiu "Braza Dormida" e "Barro Humano", e com o tempo muitos outros virão tambem.

Vamos mostrar a nossa arte... As bellezas de nossa Patria. Tudo que nos rodeia e enaltece. O Brasil não nos deu genios como Ruy Barboza, Carlos Gomes, Silva Jardim e Santos Dumont?... Por que não nos dará tambem um Griffith ou um Jannings? Espero ainda ver producções do quilate de "A Dança da Vida" e "Alta Traição" sahidos dos studios Brasileiro.

E daremos um viva bem alto pela victoria do CINEMA BRASILEIRO...

OSWALDO VICTER.

O SONHO QUE SE TORNOU REALIDADE...

Si ha alguns mezes atraz alguem se atrevesse a falar em Cinema Brasileiro, obteria por unica resposta, uma gargalhada sardonica ou desprezivel.

Ninguem acreditava nelle, mas aos poucos, devagarinho, elle foi avançando, até que se impoz á admiração do publico que dantes não lhe comprehendera o porque das lutas mas que afinal compensava todos os seus esforços com um applauso enthusiastico, sincero e merecido.

E o Cinema Brasileiro, não podia ter encontrado representantes melhores do que os que encontrou: Barro Humano e Braza Dormida.

Foram estes dois films que fizeram do sonho quasi impossivel de um Cinema todo nosso, uma realidade triumphante.

Foram o patriotismo, a boa vontade e a fé de um grupo de brasileiros que fizeram as producções que representam a victoria para o nosso Cinema.

"Barro Humano" e "Braza Dormida" são o cartão de visitas para os grandes films que virão, depois, continuar o successo obtido pelos primeiros.

Cinema brasileiro! Sempre avante! Que esses dois productos do teu esforço e da tua intelligencia, sejam o incentivo para as grandes obras primas que devem vir, para nossa felicidade e para admiração e inveja do estrangeiro!

MYSTÉRE.

IVAN IBERÊ, CARACTERISADO COMO O "PRINCIPE FAZIL"

PEQUENAS DE SOL...

Rio Grande (Rio Grande do Sul) — Junho... Mez mais frio que a Alice Terry. De um sol suave como Florence Vidor... Um sol como Florence encanta, mas não aquece... Por isso "Clara Bow, com toda sua phenomenal carga de "it", foi lançada neste mez. Bôa idéa!

A "Bowa" a seduzir "Dom Inverno"! Mas Clarinha quasi incendiou o ambiente! Ora si! Clarinha! Clarinha! Ella não tinha muito da sympathia do povo d'aqui. Mas foi vindo... Aos poucos... E com um geitinho... "It" ou "Não sei que das mulheres." E lavrou um tentinho a seu favor! Os "fans" mais verdadeiros ficaram doentes... "Filhos do Divorcio" depois. Não era "chance" para ella. Mas a "Bowinha" não sobrou na admiração dos que viram o "film" 1929! Anno em que Clara, com seu bloco terrivelmente fuzarqueiro enlouqueceu o mundo!

Veiu "Segura o que é teu"", e uma fagulha foi lançada. "Hula"! "Hula" em que Clarinha foi mais terrivel que em nenhum "film"! "Hula" accendeu uma fogueira enorme em todo o Rio Grande! Eu duvido que exista alguem aqui que tenha visto esta calamidade de "it" que é Hula, e mostre-se rebelde, ainda, ao encanto que "Clarinha" irradia!

E "Cabellos de Fogo" que vem ahi, está sendo esperado com um ardor... um furor...

Outra "star" que deu um calor agradavel á Junho e á primeira quinzena de Julho foi a bella slava Olga Baclanova. Esta foi um relampago! Apresentada em "Morta para o Mundo" com Pola Negri fez o seu pequeno papel neste "film maravilhoso, ficar grande... grande... Olga Baclanova! Que artista! Que temperamento vibrante! Bem differente de Clara Bow! Mas que logrou alcançar tanto apreço quanto ella! "O Homem que Ri" nos trouxe novamente a magnifica mulher, mas, aqui num papel... Ahi é que a gente vê que Theda Bara e Nita Naldi eram bem roceirinhas! Perto de Baclanova! E apesar do seu papel de má, é seu todo o "film", e foi unanimemente applaudida! Baclanova! "Mulher dynamite"... E é de Cinema... Myrna Loy, no "Avenida" tem feito a Casa de Saude encher-se. Pena é ser ella apresentada lá por aquelles lados. Se fosse aqui no centro...

Myrna, Clara, Baclanova... Meu Deus eu fico louco! Imaginem quando vierem Anita, Joan, Lelita, Sue, Alice... Lupe... Gracia...!!!

(Termina no fim do numero).

AQUELLE homem estava exercendo uma terrivel fascinação sobre muitas damas da alta sociedade. Revelava-lhes o passado com uma precisão que a todas deixava aturdidas. E entre as suas maiores admiradoras estava Mme. Deering, esposa do promotor publico.

Um dia, convencida pela amiga, Florence Talbot, a esposa de um homem rico, quiz tambem entrar na camara mysteriosa do Conde Merlin e de lá sahiu extremamente nervosa. E' que o adivinho referiu-se á sua vida de

ARTE

(THE CHARLATAN)

FILM DA UNIVERSAL

Conde Merlin
Peter Dwight . . . . HOLMES HERBERT
Florence Talbot . . . . Margaret Livingston
Richard Talbot . . . . Rockcliffe Fellowes
Dr. Paynter . . . . Philo McCullough
Mme. Paynter . . . . Anita Garvin
Frank Deering . . . . Craufurd Kent
Mme. Deering . . . . Rose Tapley
Jerry Starke . . . . MacKaye
Ann Talbot . . . . Dorothy Gould

outr'ora com uma precisão tal, que Florence sentiu-se quasi que dominada de pavor.

Quem era esse conde de Merlin, que assim dominava as mulheres? Merlin outro não era que Peter Dwight, o esposo que Florence, artista de circo, abandonara, levando-lhe a filhinha, para acompanhar Talbot, o homem que a seduzira.

Dwight jurára vingar-se e

a sua obra de "revanche" começa va agora, muitos annos depois. Custasse o que lhe custasse, elle havia de reconquistar a filha, a sua adoração, o seu enlevo.

Florence não era a companheira fiel de Talbot, pois se deixára prender nas malhas de um novo amor, o seu proprio medico, o dr. Paynter e esperava a opportunidade de com elle fugir, muito embora a filha já estivesse mocinha e em vesperas de se ligar pelos laços do matrimonio ao joven Jerry Starke.

Talbot, cedendo a insistencia de Mme. Deering, com assentimento da mulher, resolveu convidar o conde Merlin para ir á sua casa, onde faria algumas das suas experiencias sensacionaes. O conde accedeu e, entre as provas que apresentou, figurava a do apparecimento e desapparecimento de uma mulher de uma camara negra movel.

Realizou-se effectivamente a experiencia da camara. Puxada a cortina, Florence appareceu, para desapparecer definitivamente. No lado opposto da caixa, encontraram-na desfallecida. O medico examinou-a e constatou dentro em pouco que a mulher de Talbot tinha morrido!

O caso era grave. As suspeitas recahiam sobre Merlin. O promotor publico, ali presente, resolveu que ninguem abandonasse a ca-

Duvidaram do facto e propuzeram que um dos assistentes se submettesse á prova, recahindo a sorte em Florence Talbot. Como a hora do jantar estivesse proxima, marcaram a renovação da experiencia para depois delle.

A fuga do medico com a sua linda cliente seria nessa mesma noite e o conde Merlin surprehendeu-lhes o segredo, revelando a Florence que o conhecia, ligeiro dialogo que Ann não ouviu, mas viu os dois juntos, parecendo-lhe que a mãe estava um tanto nervosa.

sa. Merlin, depois de outros incidentes, senhor de um sangue f r i o inegualavel, tentou um golpe de força. Dominou Deering, com o auxilio de seus companheiros e levou-o para certo ponto, escondendo-o. E reappareceu, pouco depois, num prodigio de caracterização, tomando o logar de Deering. Ninguem duvidaria que ali estava o promotor publico, em pessoa.

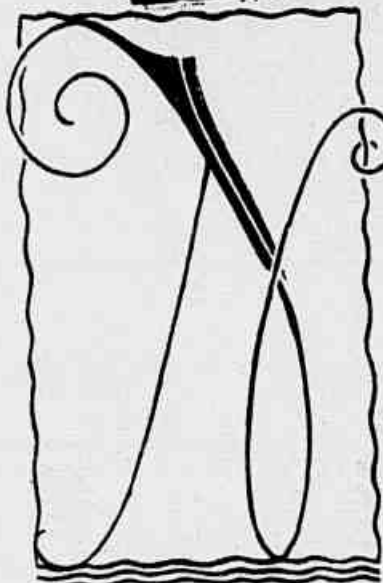
E iniciou Merlin as suas investigações. A causa da morte tinha sido um veneno subtil. Especialista em toxicos, não teria sido o dr. Paynter o autor do crime. A hypothese não durou muito e, após um trabalho de investigação persistente, aponta elle o verdadeiro criminoso.

(Termina no fim do numero).

DIABOLICA

ODIO!

(THE ENEMY)
FILM DA METRO-GOLDWYN-MAYER

Pauli Arndt, LILLIAN GISH; Carl Behrend, RALPH FORBES; Bruce Gordon, RALPH EMERSON; Professor Arndt, FRANK CURRIER; August Behrend, GEORGE FAWCETT; Mitzi Winkelman, FRITZI RIDGEWAY; Jan, KARL DANE; Baruska POLLY MORAN.

No "bier garten" da Universidade de Vienna, naquelle ambiente alacre e feliz de estudantes, o professor Arndt e sua filha Pauli eram as figuras amaveis que todas as tardes, ali, recebiam as melhores attenções de todos. Não estavam na Universidade apenas viennenses, apenas austriacos, mas rapazes de todos os recantos do globo, irmanados na mesma harmonia, felizes na mesma amizade.

Dois estudantes, entretanto, não eram todo ouvidos para as palavras sabias e bemfazejas do professor Arndt; eram Carl Behrend e Bruce Gordon, um, austriaco, e o outro inglez, cujos pensamentos eram unicamente para Pauli, que entretanto depositava em Carl o melhor do seu coração. Naquella mesma tarde, Bruce pede a Pauli que seja sua esposa, ella com palavras delicadas o scientifica que era sua intenção casar com Carl, que já quasi era seu noivo. Resignado, Bruce acceitou essas palavras, e quando dias depois, commemorando o noivado, reuniram-se todos na casa do professor Arndt, o rapaz parecia haver esquecido aquelle desgosto. De repente, uma voz, na rua, grita: "O Grão-duque assassinado na Servia!". Mudara, naquelle momento, o rythmo feliz daquella reunião de amigos. Cruzaram-se as opiniões sobre os graves acontecimentos politicos. Bruce offende Carl Behrend, no seu ardor patriotico; este reage.

Vibrara, mais do que nunca, por todo o mundo, por todos os corações, o inimigo da humanidade: o

Seus alumnos, enthusiasmados, irritados, atiram-lhe livros, vociferando: "Trahidor!" E desde aquella tarde, porque era um unico espirito bom e pacifista em meio da turba odiosa e intolerante, o professor Arndt foi expulso da Universidade, onde leccionara durante annos e annos.

Chegou a miseria para Pauli e seu pae. Embora procurasse, o velho professor não encontrava trabalho. A conquista do pão era difficilima. Pauli tem uma creancinha, que quasi não póde ter alimento.

O pae de Carl Behrend, que sempre fôra solicito, attencioso, não admittia mais a presença de Pauli e seu pae, que elle considerava inimigos.

Carl, obtendo licença para visitar a esposa em Vienna, não a encontra, chega á casa de seu pae, justamente

odio! Assassinatos — ultimatuns — manifestos — proclamações — guerra! A Austria declara guerra á Servia. A Russia declara guerra á Austria. A Allemanha declara guerra á Russia. A França declara guerra á Allemanha. Mobilização! Passam-se assim os dias de Agosto de 1914. Com despedidas, com cantos patrioticos, com rufar de tambores e o estridulo som de cornetas, toda a Europa assistiu ao interminavel desfile para a grande tragedia. O odio, mais forte do que nunca, no coração de todos os homens!

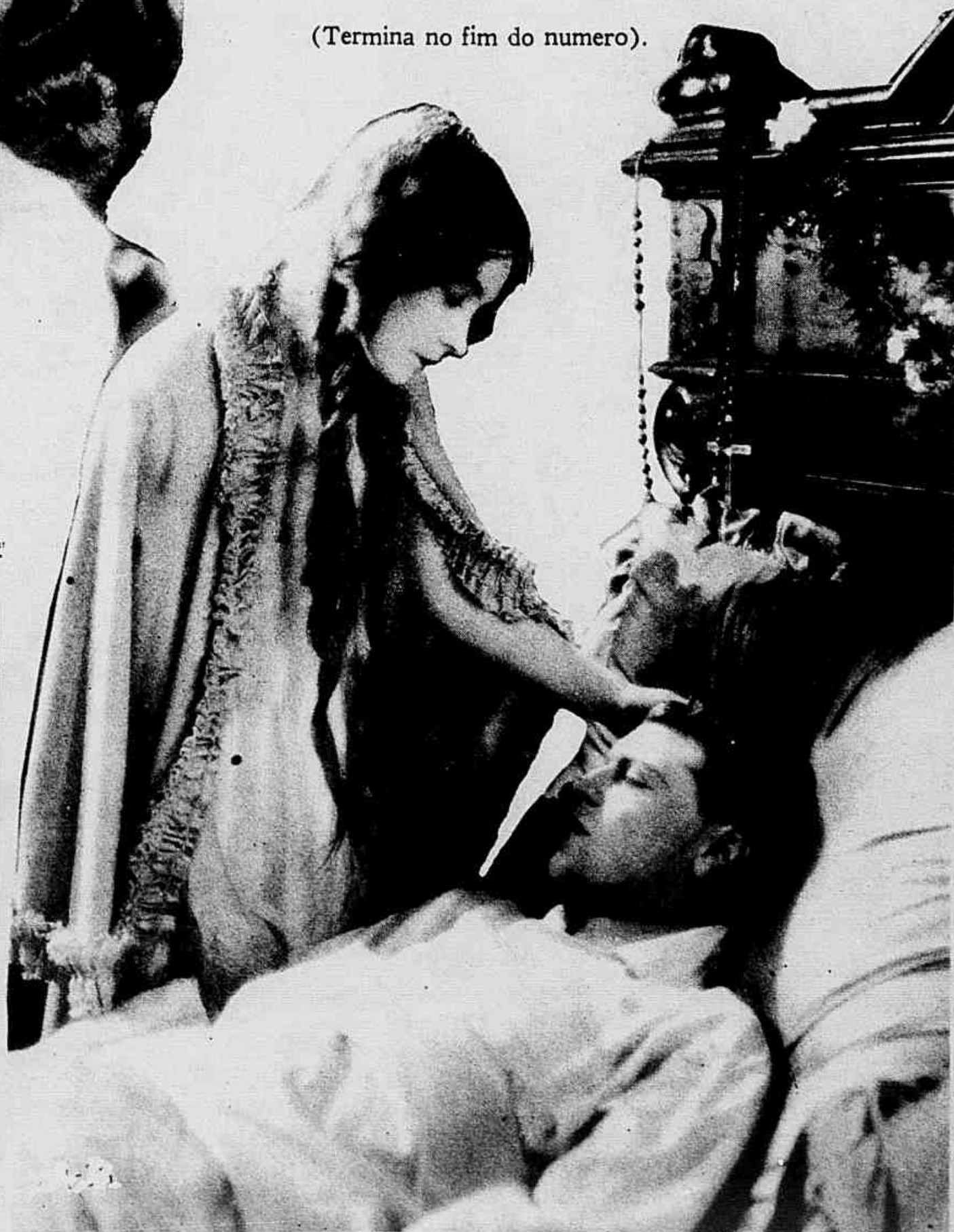
Na velha cathedral é realizado o casamento de Pauli e Carl. A' sahida, um batalhão cruza com o modesto cortejo nupcial. Pauli chora e Carl está tremulo... Choram ambos, afinal. Choram porque Carl, áquella noite mesma deve abandonar a sua felicidade, deve deixar a sua esposa, para partir para as linhas de fogo.. O horror da guerra destruindo a felicidade immensa de dois corações bons!

E Carl partiu. Escudada na fé do seu grande coração e na rijeza do seu espirito, Pauli resistiu áquella dôr immensa, cruel.

"O odio é que é o nosso inimigo! — disse o professor Arndt, numa das suas aulas. Não são nem a Inglaterra nem a França os nossos inimigos, mas apenas o odio!".

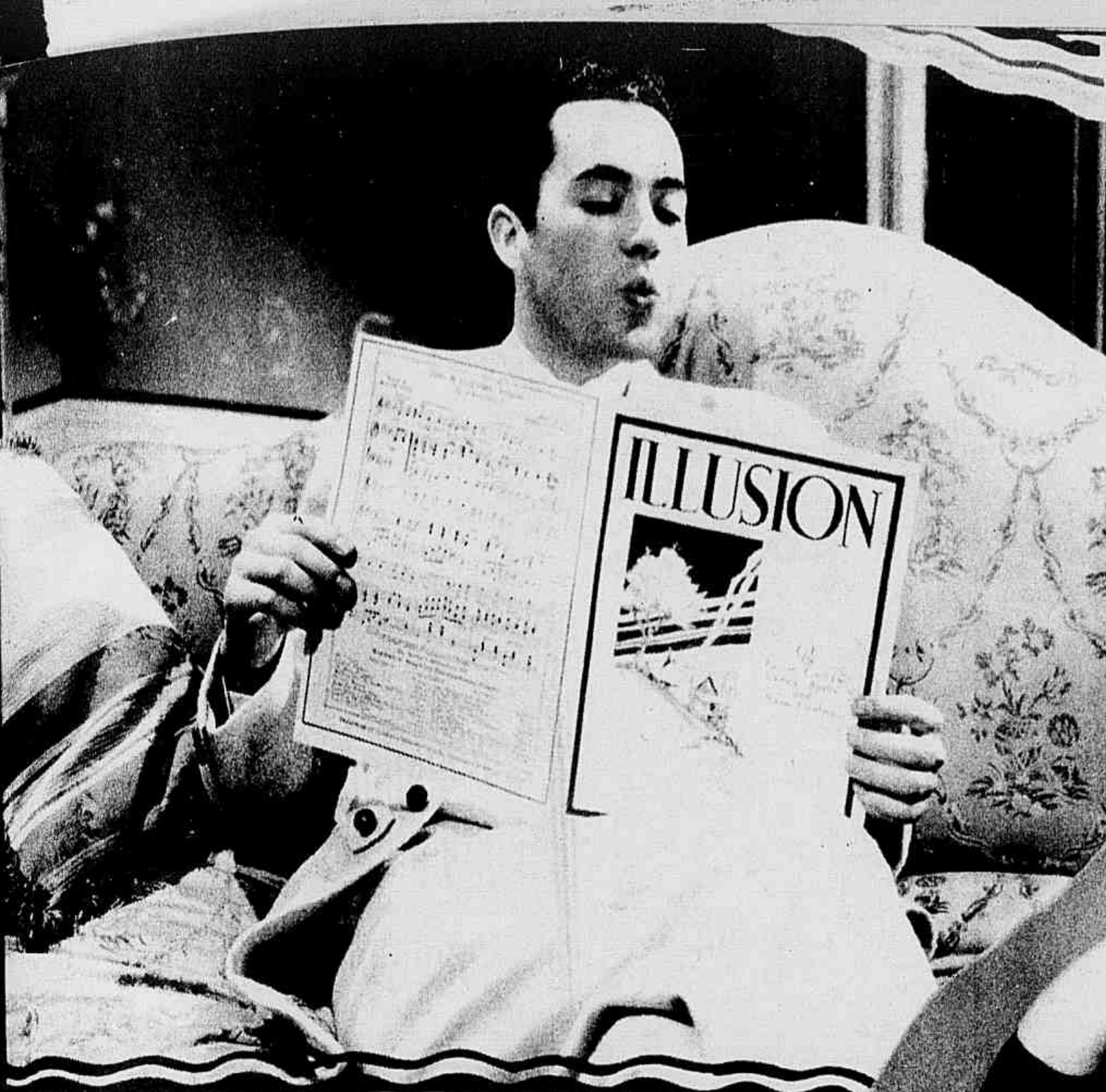
minutos depois de ser Pauli posta para fóra da casa de seu sogro. E ante as palavras de seu pae, palavras que traduziam

(Termina no fim do numero).

Como é "Buddy"

Foi o mais estupendo acontecimento da minha vida, a minha volta a Olathe depois do meu primeiro film. Sim, senhor. Todos aquelles homens importantes que eu olhava com respeito quando era gury — o director da Escola, o presidente da Camara de Commercio e o resto, virem ao meu encontro a seis ou sete milhas da cidade, e as ruas enfeitadas de bandeiras e flammulas com disticos vistosos: "Salve, Buddy!"... Sim, senhor, quasi chorei de emoção.

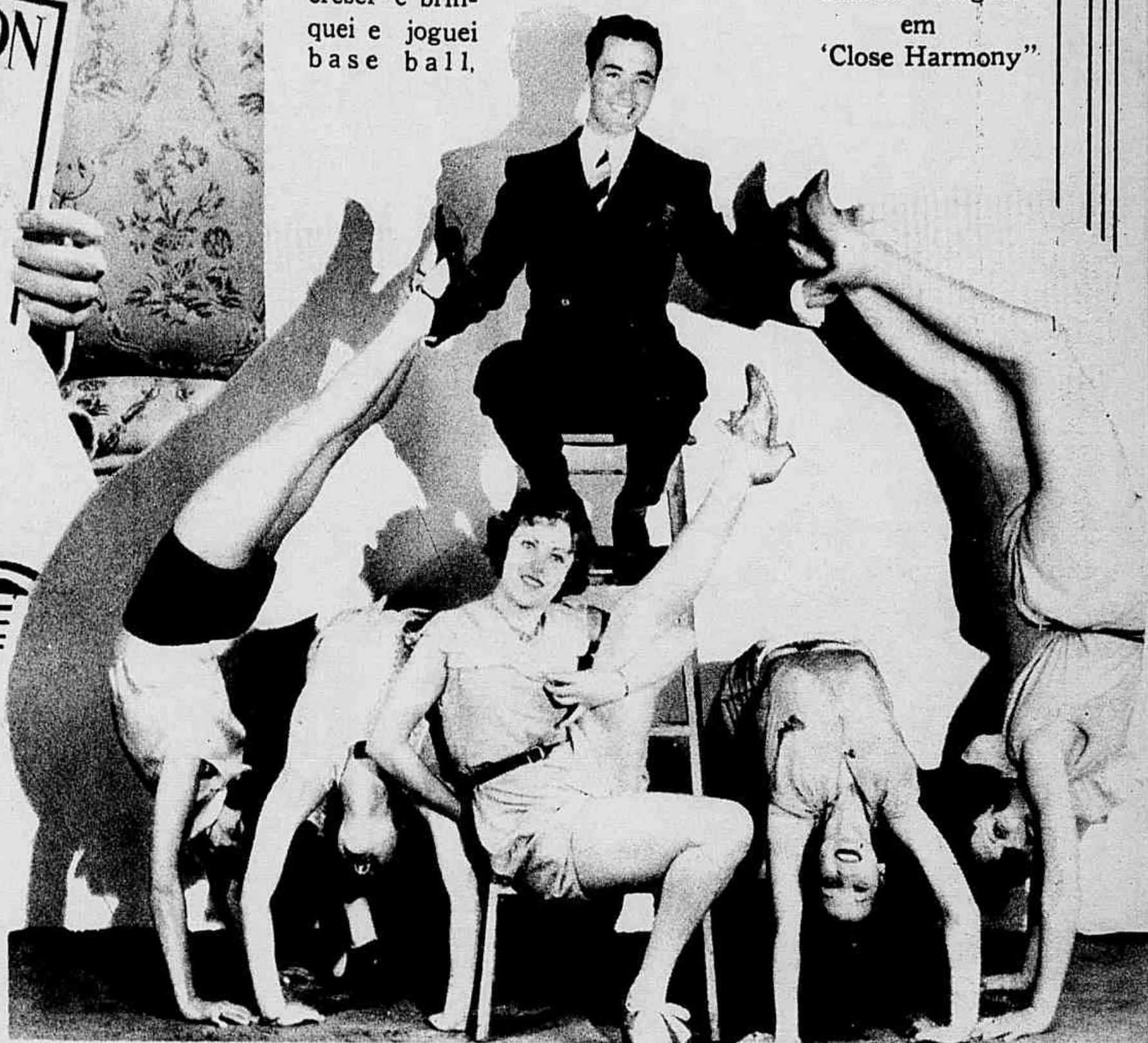
Nasci em Olathe, na mesma casa em que ainda hoje mora minha familia, e em Olathe tambem nasceram meu pae e minha mãe. Ali viveram egualmente a maior parte da vida os meus avós paternos e maternos, e no cemiterio local repousa bom numero de parentes meus. Quando uma familia nasce e se enterra numa cidade, acaba, depois de algum tempo, sentindo-se como em sua casa. E' o que acontece com a minha familia. Tenho tentado persuadil-a a mudar-se para Hollywood, mas meu pae me responde: "Não. Não sei si me acostumaria a viver em qualquer outro logar".

Meu tio foi agente do correio durante muitos annos em Olathe, e um dos meus avós foi dono do hotel até ha poucos mezes atraz, quando o vendeu.

Meu pae foi director do "Olathe Mirror" durante vinte annos e publicou no seu jornal o nascimento, casamento e morte da metade dos habitantes da cidade e conhece ali todo mundo. Quasi diariamente apparece-me um visitante no studio, com uma carta de papae, pedindo-me que mostre o studio ao apresentado. "Sei que estou te amolando, escreve elle, mas affir-

Da ultima vez que estive em Olathe, Miss Carpenter, professora na escola local, convidou-me a visitar a sua classe e dirigir a palavra á pequenada. Puz-me a falar dos meus tempos de creança, mostrando a carteira que ali mesmo occupara, aconselhando-os a não dar a Miss Carpenter o trabalho que eu dera á minha professora. Nesse momento vejo uma mãozinha no ar e uma voz:

"Mamãe diz que esteve na escola com o senhor!" Ora, digam-me, não é isso de enternecer uma creatura?

Os rapazes com os quaes cresci e brinquei e joguei base ball,

Charles Rogers em 'Close Harmony"

mo-te que é a ultima vez. Trata-o com amabilidade, Buddy, pois é um amigo meu". E' que todo mundo é amigo para elle.

Tanto quanto me lembra, Olathe não soffreu grande mudança. Ha entretanto algumas casas novas e um campo em que pastavam as vaccas, ostenta hoje um excellente Country Club e possue um campo de golf.

Numa pequena villa como Olathe as creanças frequentam a mesma escola primaria e passam juntas para a escola elementar e, depois, e, juntamente, na sua maioria vão para a Universidade de Kansas. De quantas collegas ainda me lembro! Quasi todas casadas hoje. Os rapazes tambem, casados alguns d'elles.

teve Opportunidade...

foot-ball, nadei e patinei, trabalham todos elles com seus paes nas respectivas casas de negocios. As meninas são hoje esposas e mães de familia. Quanto a mim, creio que sou o unico actor que saiu d'aquelle meio. E parece que sou a gloria da terra.

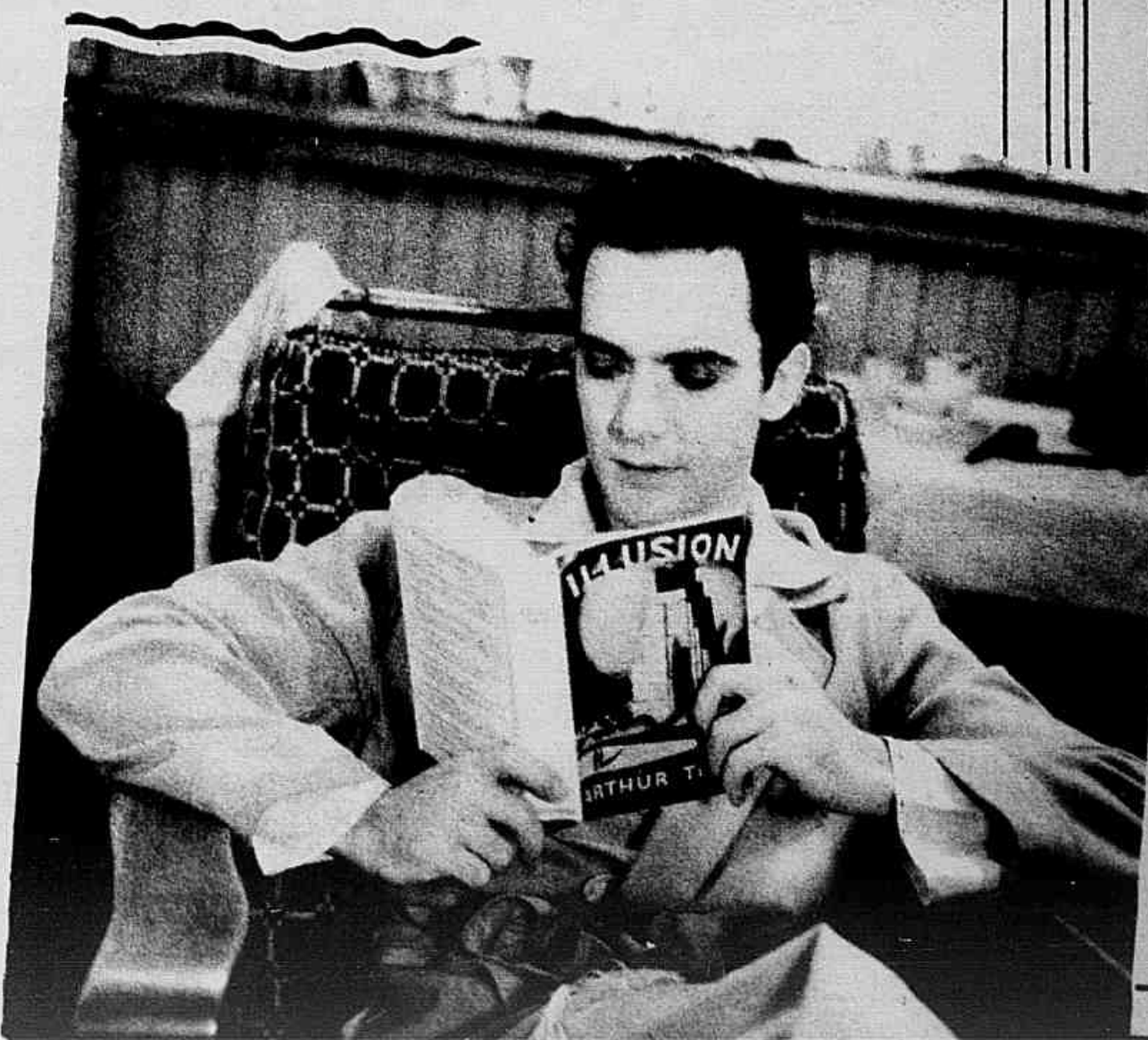
No ultimo Thanksgwing Day eu me achava em Olathe, e fui convidado a dar o kick off de inicio do jogo realizado naquelle dia. Espalhou-se a noticia de que eu daria o kick off e de leguas naquellas redondezas correu gente para assistir ao grande feito.

O Cinema em que eu, quando menino, ia me deliciar com os films em serie de Ruth Roland, continua ainda a ser o unico da terra. Elle exhibe todos os grandes films.

Clara Bow, Bebe Daniels e Billie Dove são as estrellas predilectas da terra; e Harry Langdon, Harold Lloyd e Tom Mix fazem sempre ca-

(Termina no fim do numero).

NA SUA RESIDENCIA...

A.M.

EIS uma historia do peccado original, nascida da triste noção do constrangimento de nossos impulsos em que nós, creaturas terrenas, nos afundamos miseravelmente, porque nossos primeiros paes perderam o paraiso. Identica sorte tem essa mulher chamada Lulu e todos aquelles homens e aquellas mulheres que estão ligados á historia dessa pobre moça. Ninguem sabe de onde ella vem a não ser, talvez, o velho Schigolch, demonio occulto, pae ou antigo amante de Lulu, a quem elle está ligado por uma amizade estranha.

E' possivel que seja elle o verdadeiro amigo a quem ella conhece e com quem ella se apega.

O primeiro homem que fica fascinado pelo encanto peccaminoso dessa mulher em plena floração é o Dr. Schoen, cheio de vida e de poder, redactor-chefe e proprietario dum importante jornal. Enfeitiçado pela adoravel florista de rua, Schoen, até então irreverente e energico, renuncia tudo quanto parecia possuir de nobre: abdica a carreira sensacional na politica, desfaz o noivado com a filha dum ricaço influente, não se preoccupa com as criticas mordazes da sociedade e casa-se com a voluptuosa Lulu. Mas, pouco tempo depois, morre sob a bala traiçoeira do revolver da esposa que, na occasião de ser condemnada á morte, consegue fugir do tribunal auxiliada por Schigolch e Rodrigo Quast. A condessa Geschwitz, tornada cocotte por culpa de Lulu, é quem lhe facilita o passaporte salvador.

E' para a Cidade Luz que a demoniaca creatura foge em companhia de Alwa, esse mesmo rapaz tambem enfeitiçado pela serpente humana que já prostrara sem vida o pae do novo amante.

Mas no trem, o marquez Casti Piani, celebre "scroc", reconhece a fugitiva.

Faz-se pagar bem caro o silencio que promette, depois de aconselhar aos fugitivos que evitem Paris onde ha olhos indagadores que podem comprometter.

Depois Alwa faz-se jogador profissional de cartas, mas perde todo o dinheiro. Lulu entrega a condessa infeliz nas mãos do marquez cuja morte violenta, quando mais perigosa se fazia a interferencia do bandido, obriga Lulu, Alwa e Schigolch a se refugiarem em Londres.

Ahi a vida é bem difficil.

Moradores de uma miseravel mansarda do bairro pobre, curtem os rigores de um destino ingrato. Lulu, para conseguir o pão quotidiano, faz-se uma mulher das ruas.

Nas mãos de um perverso, porem, cáe um dia sem vida.

Era por uma noite de Natal.

Reduzidos á miseria e sem a assistencia daquella que lhes facilitava a subsistencia, os dois parias da sociedade mergulham na escoria da populosa metropole ingleza. E assim terminou aquelle drama dantesco de uma mulher desgraçada...

36

16

NE'RO FILM

Lulu	Louise Brooks
Dr. Schoen	Fritz Kortner
Alwa, seu filho	Franz Lederer
Condessa Geschwitz	Alice Roberte
A noiva do Dr. Schoen	Daisy d'Ora
Schigolch	Carl Goetz
Rodrigo Quast	Krafft Raschig
Jack	Gustav Diesel
Marquez Casti Piani	Michael von Newlinsky
O comico	Siegfried Arno.

Direcção de G. W. PABST

A Paramount contractou June Collyer para um importante papel em "Magnolia". Charles Rogers e Mary Brian são os heróes. Walter Mc Grail, Henry B. Walthall, Wallace Beery e George Fawcett tomam parte. O director é Richard Wallace.

A adaptação, a dialogação e o scenario estiveram a cargo, respectivamente, de Dan Totheroh, Ethel Doherty e John V. A. Weaver. Este ultimo collaborou com King Vidor no scenario de "A Turba".

"The Concert", de Adolphe Menjou, passou a chamar-se "Fashions in Love". Victor Schertzinger é o director e o elenco inclue entre outros, além do elegante Menjou, os seguintes nomes—John Miljan, Joan Standing, F. Compton e R. Wayne.

Pergunta-me Outra...

K. DUCCO (RIO) — Agradecemos immensamente a sua offerta. Ficariamos muito grato se o amigo fizesse a fineza de entregar os exemplares que dispõe, ao Cinema mais proximo de sua residencia e pedisse á respectiva empresa para distribuil-os aos espectadores.

ATHLETA (RIO) — Para certos papeis, você serve. Depende de occasião. Sim, tem respondido. Beryllus Film do Brasil. Rua Barão de Pirassinunga n. 55, casa VIII. O galã — Julio Danillo e o vilão — Milton Dartel. Logo que nos cheguem ás mãos.

A. FERNANDES (RIO) — 1° — O endereço de ambas é — Benedetti Film. Rua Tavares Bastos, 153, casa 3. Rio. 2° — Sim. 3° — Gracia Rangel. Agradecemos os elogios.

NANNI HOUSSOSTROPE (Ribeirão Preto) — Envie a esta redacção duas photographias e todas as suas demais caracteristicas.

Logo que seja preciso um typo como o seu, será chamado. Por emquanto ainda não ha uma companhia organizada com serviço permanente para os artistas. Aguarde a sua vez. Escreva para a Phebo Brasil Film, Cataguazes, Estado de Minas, pedindo o retrato da sua artista predilecta.

JORGE DARNICK (Monte Aprazivel) — Nós, tambem, até certo ponto, temos a mesma opinião de você. Mas... "elle" veio e "pegou". Você não calcula o successo que tem feito aqui e em S. Paulo. E é muito difficil determinar o tempo... Sciente sobre o que se diz a respeito das fabricas cinematographicas.

DIANA, A CURIOSA (RIO) — Foram duas pessôas: uma cantou e outra tocou. Corinne finge que canta e aquelle dedilhado sobre as cordas da harpa, foi muitas vezes ensaiado.

TRAVESSO (Rio) — 1° — Sim. 2° — Está no collegio. 3° — Quatro annos. Terminado o seu contracto a fabrica em que trabalhava não contratou-a mais, visto o seu crescimento já estar fazendo perder a graça. O mesmo que aconteceu com Jackie Coogan. Mas talvez volte, como tantas outras.

ASSIB ZACHARIAS (Curityba) — Recebemos a photographia o que muito agradecemos. Ficamos tambem muito gratos pelas suas palavras elogiosas que faz a esta revista.

PRINCIPE ENCANTADO (Rio) — Richard— Paramount Studios; 5.451 Marathon Street. Hollywood, Cal. Renée e Lon — Metro-Goldwyn Studios, Culver City, Cal. Ronald e Vilma — Samuel Goldwyn Productions; 7.212 Santa Monica Blvd. Hollywood, Cal.

VIRGILIO ARREPIA (Rio) — Só respondemos por meio desta secção. Sue Carol, não. Sally Blane e Duane Thompson são as que tomam parte no film que se refere.

NILO CAVALCANTI (Rio) — As photographias foram publicadas no n° 179 desta revista. Muito grato.

GUILHERME BASTOS (Ouro Preto) — 1° — Ella esteve fóra. Com certeza agora remetterá a photographia pedida. 2° — Talvez. Se estiver em condições. 3° — Envie a carta á Phebo Brasil Film. Cataguazes, Minas Geraes. E' preciso ter paciencia. Por emquanto este serviço de remessa de photographias ainda não está normalizado. Aguarde a sua vez e não duvide da bôa vontade dos nossos artistas em querer satisfazer o pedido dos seus "fans".

LUIZ NEGRÃO (S. Paulo) — Gostamos das suas phrases animadoras. De facto "Braza Dormida" já mostrou grande progresso no Cinema Brasileiro. Esperamos que goste de "Barro Humano". O outro film que se refere não é afinal o que esperavamos que fosse. A critica vae sahir. Não ha nada disso que o amigo julga. Gracia e Lelita; Benedetti Film, Rua Tavares Bastos, 153, casa 3. Eva Nil; Cataguazes, Minas Geraes. Lia, deve voltar. Talvez no fim do anno. Ora, sempre ás ordens, caro leitor.

KENNETH (Rio) — De facto, consta que Clara Bow se casou com o actor newyorkino Harry Richman. Com certeza esta noticia não será recebida com agrado por muitos dos seus admiradores...

CAPEVA (Parahyba) — Antonio Moreno é hespanhol. Nasceu em Madrid. Sobre o outro artista que cita em sua carta, consta que é de nacionalidade mexicana. Procure na sua collecção de "Cinearte" que encontrará uma norma de carta em inglez. Evite-me este trabalho, por obsequio.

MISS GARBO (Rio) — Filha, é impossivel satisfazer o seu pedido. Por melhor bôa vontade que tenha, não posso informal-a. Procurei tudo e não encontrei o que deseja saber. São detalhes que passaram da moda e que raras vezes vêm nas revistas. Não fique zangadinha, sim?

CAROLA MORENINHA (S. Paulo) — 1° — Sim. Talvez, breve. Vae ser distribuida pela M. G. M. 2° — Passeiando e vendo como se filma nos grandes studios. 3° — Já. 4° — Não. Logo que terminou o seu contracto. 5° — Impossivel, pois os que possuimos fazem parte do archivo. Continúe insistindo no pedido. Não desanime.

IVAN IBERÊ (Rio) — Recebemos a photographia. Vae sahir publicada. Grato pelos elogios que faz a esta revista.

GILBERT VASQUES (S. Paulo) — Não resta duvida que o film synchronizado e sonoro offerece um espectaculo mais agradavel do que o falado (em inglez, já se vê), para determinado publico. O ideal seria o film falado em nosso idioma. Mas isto não tardará muitos. Muito breve tambem teremos os nossos films falados em nosso idioma. Um pouquinho de paciencia, sim?... Logo que elle chegue, transmittiremos a sua opinião sobre o film que se refere.

MYRNA LOY

ROSA DE IRLANDA (S. Paulo) — Breve continuaremos. A pessôa que fazia, está actualmente muito occupada. Vamos providenciar. Aquella senhora é tia. Porque ainda não veio uma bôa photographia que se preste para aquelle fim. Logo assim que seja possivel, Rosinha. Deixa estar que não esqueceremos do seu pedido. Retrato de Rodolpho? Sim, talvez...

BÉBÉ (Rio) — E' porque não merece. Procure ver e depois nos diga a sua opinião. Nem ha comparação. Não, por emquanto não foi organizado o elenco. Está bem. Entendi outra cousa. Lelita — Benedetti Film. Rua Tavares Bastos, 153, casa 3. Eliza Betty. Metropole Film. Palacete Santa Helena. Praça da Sé, 53, S. Paulo. Da outra, ainda não tivemos autorização de fornecer.

HEIDA (Rio) — 1° — Paul — consta que ficou na Fox. Não ha certeza. Elle é tão mediocre... Sabe o endereço? Ahi vae — Fox Studio. 1.401 No. Western Ave. Hollywood, Cal. Alexandre? Não será Roy? Onde foi que o viu? 2° — Ambos são sonoros e synchronizados. Falados, não. 3° — neste numero. Carlos Modesto, chegou no dia 8 deste. Escreva sempre, Helda.

ANDEMAR DO CARMO ALMEIDA (Cabble Mountain Reservoir — Westfield-Massachussets) — Lia Torá e Olympio Guilherme. Luiz Sorôa é brasileiro. Lily Damita nasceu na França. A outra, em Paris. Desejamos ao caro leitor todas as felicidades e venturas. E que muito breve possamos contar com mais um engenheiro que venha honrar o nome do nosso Brasil.

GLORIA O. (Rio) — Encontrará o que deseja no n° 29 de "Cinearte". Póde procurar na redacção, á rua do Ouvidor n° 164.

RENÉE DE CASTRO (S. Paulo) — 1° — Americano. Universal Studios. Universal City. Cal. 2° — United Artists. 7.100 Santa Monica Boulevard, Los Angeles, Cal. 3° — Não temos actualmente. 4° — Elle é contra o Cinema falado, mas não vae abandonar o Cinema. Os seus films serão sonoros e synchronizados, porém, falados não. 5° — Oliver Hardy é o gordo. O outro é Stan Laurel. Fique sabendo que é a melhor dupla das comedias de duas partes, actualmente.

LOPES SILVA (Nova Lima) — A agencia daqui nos informou que o film que se refere, desde o dia 20 que se encontra pelo Sul de Minas, correndo os Cinemas. Portanto, se até a presente data ainda não foi exhibido, não tardará.

ZORAIDE P. DE MACEDO (Curityba) — Ben Lyon terminou ha pouco "Lummox", para a United Artists. (1.041 No. Formosa Ave., Hollywood, Cal.). Tambem não têm sido exhibidos films seus, nesta Capital. Como film brasileiro, já é um grande passo. Mas, existem algumas falhas, o que não poderia deixar de haver. Pois se nos grandes films americanos. produzidos pelas famosas fabricas, tambem as vemos... Julgamos ser um pouco melhor. Leia a chronica do "Cinearte" n° 179. Sobre Luiz Sorôa, muita gente pensa ao contrario. Se soubesse a quantidade de admiradoras que elle tem... Acho que você se esqueceu de pensar bem em todos os galãs americanos Será possivel que tenha coragem de dizer que: Ian Keith, Conway Tearle, Thomas Meigham, Wyndham Standing, Douglas Fairbanks Jr., e alguns mais, não sejam "paus"! Então? Procure ver todos os films brasileiros. Todos quanto possivel.

JOHN KING LOVE (P. Alegre) — Olga — póde enviar a carta aos cuidados desta redacção. Benedetti Film. Rua Tavares Bastos, 153, casa 3. Helio Film — Rua Asdrubal Nascimento n° 98, (S. Paulo). Phebo Brasil Film. Cataguazes. (E. de Minas). Dos outros dois, não podemos dar, por não termos autorização.

FAN DE JANNINGS (Santos) — 1° — E'. Justamente. 2° — First-National Studios. Burbank. Cal. 3° — Houve nova orientação e tudo se modificou. "Para todos..." publicou muita cousa. 4° — Ambos, Benedetti Film. Rua Tavares Bastos n° 153, casa 3.

MISS FEIA (Rio) — 1° — Columbia Pictures Corp. 1.408 Gower Street. Hollywood, Cal. 2° — R. K. O. Studios. 780 Gower Street. Hollywood. Cal. 3° — Não temos actualmente. 4° — idem. 5° — Leroy Mason. Muito incerto.

HARRY BLAKE (Rio) — Entreguei ao encarregado. Vae ver se póde ser publicado.

D'ARTAGNAN (?) — Impossivel, caro mosqueteiro. Ainda não tivemos autorização para fornecer os seus endereços.

TIO NATO (Porto Alegre) — Então, o que achou "Revelação"? Nally Grant está aqui no Rio. "Barro Humano" tem feito ruidoso successo em todos os Cinemas da Capital e de S. Paulo. Esperamos que ahi succeda o mesmo. 1° — Sim. 2° — Ainda. 3° — Muitas partem d'ahi, porém, tambem grande numero d'aqui e S. Paulo. 4° — Já pedimos.

ARAY, LEITORA DE CINEARTE (Rio) — Um milhão de agradecimentos pelas felicitações enviadas á nossa "gang". Bem poucas pessôas comprehendem como você o que foi aquelle esforço tenaz em levar ávante o nosso ideal. E' de coração que agradecemos mais uma vez os seus votos sinceros de felicidade e as suas lindas palavras animadoras. Brasileiras assim é que apreciamos! Havemos de vencer, Aray, se Deus quizer! Um abraço da "gang". Sentimos não conhecel-a pessoalmente. Escreva sempre.

WELDAMERCHIMBA (Rio Grande) — 1° — Sim, é falado no idioma inglez. Já ouvimos e vimos aqui: "Broadway Melody" e "Follies of 1929". 2° — Paramount Studios. 5.451 Marathon Street. Hollywood. Cal. 3° — Metro Goldwyn Studios. Culver City. Cal. 4° — Não deve demorar muito. Talvez em Outubro. 5° — Escreva para Benedetti Film. Rua Tavares Bastos, 153, casa 3. Não precisa mandar dinheiro.

No Lar de Alice White...

Adhemar Gonzaga, com Alice White e seu amiguinho Sidney Bartlett. (Photo "Cinearte")

Mas

Eu tinha ficado, paginas anteriores, nessa advertencia... Agora que de novo me encontro com o stylographo em riste deante da virginal alvura das tiras immaculadas ponho-me a reflectir porque motivo fui deixar em suspenso o leitor com aquella fatidica particula... Ah! E' verdade. Hollywood que vim ver agora já não é a mesma Hollywood de tres annos passados. Não quero me referir ao progresso urbano, si bem não haja por aqui passado Mr. Agache, porque o progresso das cidades americanas especialmente daquellas que como a Capital do Cinema se convertem em centros formidaveis de industria que faz rolar milhões e milhões de dollares, é um facto tão corriqueiro, entra por tal forma nos dominios da normalidade que disso já ninguem se espanta. Uma transformação por grande que seja só póde suscitar um approvativo *all right!* mais nada, nem uma interjeição admirativa, tão habituaes são por essas bandas esses e parecidos milagres.

E' que Hollywood foi inteiramente subjugada, empolgada, conquistada, absorvida pelo Cinema sonoro.

E o Cinema sonoro introduziu novos habitos, modificações extraordinarias quer na technica do film quer na politica dos productores, quer nos costumes dos Studios. Estes então quasi que são vedados hoje ao profano como os sanctuarios dos templos, onde só penetram os hierophantes da cinematographia.

Assim, a caça á estrella é mais difficil, mais demorada, exigindo maravilhas de diplomacia, de finura, de habilidade para obter alguns momentos de palestra com as que estão agora em evidencia, e estas não são muitas, porque o Cinenema falado veio precipitar a aposentadoria compulsoria de muitas que quaes cigarras da fabula começam a ver com terror a invernia rude que se aproxima sem que ellas tenham posto em reserva aquillo que a provida formiga cautelosamente amealhou...

De Adhemar Gonzaga

das cousas humanas e como são passageiras as illusões da gloria...

Foi dessa linda flor do Cinema que me lembrei quando a creadinha de Alice White veiu abrir-me a porta, declarando-me a sorrir:

— Miss White está fóra, mas não deve tardar. Eu me adeantara, de facto, mas quem não adeantaria o relogio até para conversar alguns instantes com a fascinadora Alice!

Momentos depois, surgia de facto a endiabrada "vampirozinho" de Milton Sills em "Tigre do Mar".

Menagére, vinha do mercado trazendo enfiados em todos os afilados dedinhos uma porção daquelles saquinhos caracteristicos de Hollywood; e mal deparou commigo, assombrado ante o numero daquelles embrulhos que eu confesso não acharia geito de carregar em tres dias, sorriu: Ah! Perdôe-me. Não o fazia tão madrugador.

Madrugador! Olhei para o sol bem alto já com uma feição tão desolada que ella tratou logo de pôr-me á vontade.

Alicinha não é de ceremonias. Recebeu-me como é na realidade, fóra da téla, como se eu fosse um seu velho conhecimento, trajando um kimono que toda Hollywood adopta. Notei, por signal que o della tinha bastante uso. Uma fita que parecia aproveitada como utilidade, de alguma caixa de sapatos prendia os seus loiros cabellos. Louros sim, bem louros. Ella disse-me quando fiz allusão a isso que os tinha d'antes ruivos, mas vira-se forçada a oxygenal-os para não ser confundida com Clara Bow.

— E isso não tinha graça nenhuma. Eu gosto de parecer só commigo mesma, affirmou-me categorica.

(*Termina no fim do numero*)

Mas *audaces fortuna juvat* e eu com a *sans façon* de brasileiro expatriado e jornalista indiscretissimo ia sempre obtendo o que a muitos outros parecia quasi impossivel de obter e já grande temeridade tentar sequer.

Assim por uma dessas calidas manhãs que nos fazem suspirar pelo verão carioca fui esbarrar no *home* de Alice White.

Veiu receber-me Beatriz Michelena. Lembram-se della? Ficou famoso o seu tango dansado com o famoso Rudy nos "Cavalleiros do Apocalypse". Pobre Beatriz! Já lá está sob a terra com um salgueiro triste ao lado como o coqueiro da canção a deplorar talvez a fragilidade

Lar, doce lar de Alice White... Gonzaga e Alice, posando para "Cinearte".

(De O. M., correspondente de "CINEARTE")

De São Paulo

Cabeças voltadas para as frisas adornadas. Gracia Morena, numa frisa. Paulo Benedetti, na outra. Ainda estavam sorrindo ás palmas que os saudaram.

Cinema repleto. Derretem-se as luzes. E só um jacto luminoso. Alvo e forte. Cáe sobre os hombros do maestro Alberto Lazoli.

"Casa de Caboclo"... "Jura"... Ai Yáyá"... Valsas e sambas. Sentimento civilizado d e n t r o de notas selvagens... Perfumes melodiosos que os nossos ouvidos sorviam sentindo um cheiro verde de terra moça... Todo esse encantamento da nossa musica entorpecente!

Termina o "sketch" musical. Palmas! Corôa justa ao brilhante talento do joven maestro.

Medrosas, as luzes se apagam. "O Guarany". E o primeiro letreiro é arremessado ao encontro do quadro prateado.

BARRO HUMANO... Historia simples. Curta e verdadeira. De episodios da vida de todos os dias...

Passa. Termina no escurecer da ultima scena.

De novo as luzes.

Fim de sessão.

Eu disse que São Paulo saberia, por certo, compensar o esforço dos que fizeram "Barro Humano".

Não me enganei. Quem me enganou, entretanto, foi o publico de São Paulo.

O enthusiasmo espontaneo. Sincero! Com que bateram palmas e cercaram o film, todo, no desenrolar das suas diversas scenas. Foi o sufficiente attestado do quanto de patriotico tem o povo de São Paulo.

Eu esperei, francamente, que "Barro Humano" fosse bem recebido. Porque, afinal, muito embora seja, meramente, uma amostra do que se poderá fazer. Já é, assim mesmo, um film que se assiste e se applaude.

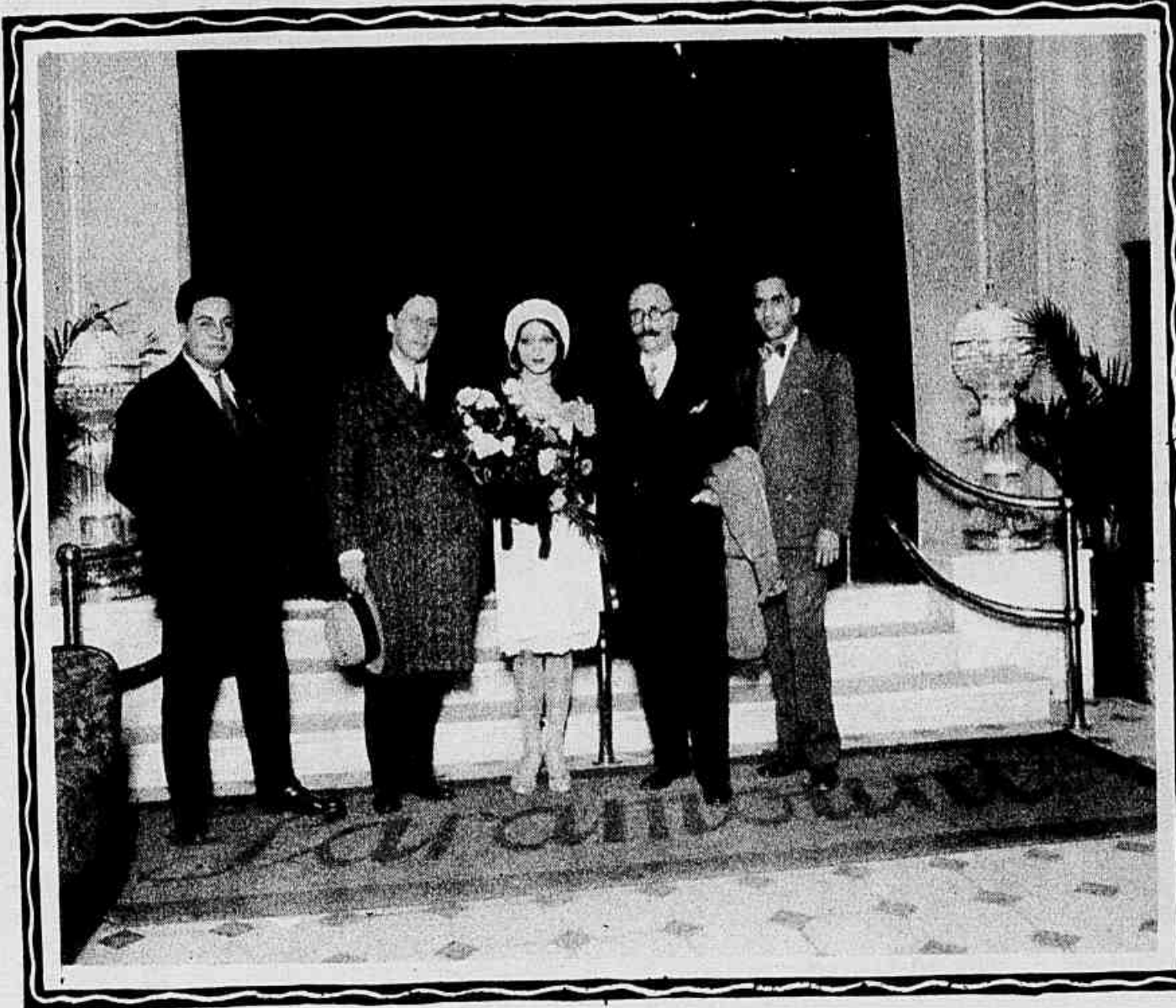
Mas a minha espectativa foi ultrapassada. Eu NUNCA ouvi o publico PAULISTA BATER PALMAS PARA UM FILM! Nunca!!! Por maior que elle seja.

No entanto, "Barro Humano" conseguiu isto. FOI APPLAUDIDO.

Quando alguns dos moços que fizeram o film entraram, ladeando Gracia Morena, a artista principal, na frisa que lhes estava reservada, os applausos que os acolheram, foram sinceros e geraes. O mesmo, logo depois, quando Paulo Benedetti se sentou na frisa ao lado.

E ao letreiro E' UM FILM BRASILEIRO, succedeu-se uma quente e acalentadora salva de vibrantes palmas! Assim em outras scenas.

Ninguem poderia exigir mais! Eu estou, até agora, exultante de alegria. Tenho razões de sobra. Alguem dirá, por certo, que é um enthusiasmo suspeito. Mas pouco importa! Na verdade, foram amigos meus e collegas de CINEARTE que fizeram o film. E embora eu lhes reconheça competencia e qualidades para fazer muito mais. Ainda assim me enthusiasmei.

Eu já tinha assistido "Barro Humano". Mas pareceu-me um film novo. Outro! Por que? Pela força do enthusiasmo do publico que me rodeava e cujos commentarios francamente favoraveis eu ouvia e gozava!

NO CINEMA PARAMOUNT DE S. PAULO, NO DIA DA "PREMIE'RE" DE BARRO HUMANO J. QUADROS J'. GERENTE DO CINEMA, BRUNO CHELI, DIRECTOR DA PARAMOUNT FILMS DE S. PAULO, GRACIA MORENA, PAULO BENEDETTI RESPECTIVAMENTE, ESTRELLA E PRODUCTOR DO FILM, E PEDRO LIMA, DO "CINEARTE".

E o maior da minha alegria, por certo, não foi por ser o film UMA PRODUCÇÃO CINEARTE. E sim, exclusivamente, pela confirmação que elle vem trazer aos descrentes. De que o Cinema Brasileiro existe. Que não é mais uma utopia...

Aspecto tão enthusiastico, francamente, só quando se inaugurou o Cinema, com "Alta Traição" e o Cinema Falado, consequentemente.

Mas havia, então, o enthusiasmo pela CURIOSIDADE. Ao passo que, desta feita, havia o enthusiasmo por se tratar de um BOM film BRASILEIRO!

Muita gente descria do successo do film aqui em São Paulo. No entanto, após a sua exhibição, eu acho que mudaram de idéa...

Não procurei conhecer a opinião do Quadros. Mas eu acho que elle ficou satisfeito. Ao menos, será difficil negal-o, nunca assistiu á uma sessão tão enthusiastica e vibrante. Não! é, Quadros?

Quando terminou a segunda sessão, o publico rodeou o automovel que conduziu Gracia Morena ao Hotel. E, mais uma vez, quando o auto partiu, ouviram-se palmas enthusiasticas!

Eu fui descendo a rua, no meio da turba. Colloquei-me bem dentro dos grupos maiores.

Um disse. "Eu só quero ouvir o que o O. M. vae dizer a semana que vem!" Outros, mais adiante, notaram a excellencia do trabalho de Eva Schnoor. Estes, aqui, a naturalidade e vida de Gracia Morena. Aquelle, ainda, o porte majestoso de Carlos Modesto.

Discutiram as scenas comicas. Commentaram as scenas dramaticas. Lelita Rosa e Eva Nil. Apontaram os defeitos que realmente e logicamente existem no film. E, AFINAL, tivemos este prazer. OUVIR o enthusiasmo genuino e espontaneo de um PUBLICO, por um film BRASILEIRO que não seja PROHIBIDO PARA MENORES e nem SCIENTIFICO...

Em summa: "Barro Humano" venceu no Rio de Janeiro.

E São Paulo n ã o desmereceu! Consagrou-o, tambem.

Todos se admiraram do enthusiasmo do tão sisudo povo paulista. Mais do que ninguem, eu. Por um simples e capital motivo. Porque sou paulista tambem...

Sem duvida, um commentario especial, aqui, merece a musica que o maestro Lazoli compilou para o film. Foi admiravel! Simplesmente! Com rara habilidade e bom gosto, elle organizou e enfeixou uma serie de melodias pura e genuinamente brasileiras. Arranjou, de accordo com o caracter de cada artista, um thema que lhe fosse adequado. E cada vez que elles appareciam ouvia-se possante e lindo o seu thema caracteristico...

Musica que ajuda o film é recommendação para quem a compila. "Barro Humano" até nisto foi feliz em São Paulo.

E, francamente, a excellente orchestra do Paramount causa muito melhor impressão do que "certas" synchronizações que já tivemos a infelicidade de ouvir...

A direcção do Cinema Paramount, tambem, dando a solemnidade que deu ás duas sessões do dia da estréa do film, merece elogios.

As criticas dos jornaes, nos dias immediatos a estréa do film, foram bôas. Alguns exaggeradamente favoraveis. Outras demasiadamente justas. Mas foram boas.

Pietro Caruggi de "Il Piccolo" não podia dizer mais nem melhor do film do que disse.

Paulo, do "Diario Nacional", com o cunho indecifravel dos seus escriptos, depois de falar bem e falar mais mal do que bem, termina: "Mas, porém, comtudo e todavia," Barro Humano é já alguma cousa. Alguma cousa... Uma promessa, por exemplo. E nada mais".

J. Canuto do "Diario de S. Paulo" assim começou a sua critica:

"Auspicioso dia, esse, para o Cinema Nacional, em que já se pode falar bem de uma fita brasileira sem a desalentadora restricção do "não se poderia exigir mais de uma industria de tão parcos recursos como é a nossa."

"Barro Humano", que o Paramount está exhibindo, é um trabalho de que se podem dizer, livremente, todas as qualidades e falhas. E' uma fita de Cinema tão fita de Cinema como as que nos vêm de Hollywood. Por isso, não necessita da benevolencia que alguns criticos gostam de dar ás obras nacionaes. Basta — para patentear-lhe os meritos — que se lhe faça justiça.

"Barro Humano" é, realmente, o maior passo vencido pelo cinema brasileiro."

J. M. R. do "Diario da Noite", diz: Mas o que não é justo nem possivel negar, é que "Barro Humano" merece o titulo de melhor film brasileiro, e que, em pouco tempo, meio anno apenas, fizemos progressos admiraveis no campo da cinematographia."

Alvaro Vieira na "Gazeta", escreveu: "De modo que, pelo successo alcançado hontem, podemos garantir sem medo de erro, que "Barro Humano" é um film que o publico paulista, tão exigente em materia de arte, poderá ir ver tranquillamente, sem ser levado pelo patriotismo, certo de que encontrará nelle elementos capazes de encantar e agradar".

E para terminar, darei na secção de films, a opinião do "Correio Paulistano" na pessôa de João Raymundo Ribeiro, que escreve sob o pseudonymo de Fiteiro.

O Commendador Martinelli, vae ingressar, decididamente, no terreno Cinematographico. Já adquiriu o Cinema Central no Rio. E, agora, acaba de adquirir o Alhambra, para fazel-o, com o Rosario, o par de luvas de box com o qual vae concorrer ao campeonato dos nossos Cinematographistas.

Vamos ver. Votos se façam para que assim seja. Porque quantos mais existam, tanto melhor se torna a situação do publico.

Generoso Ponce será o dirigente das suas casas de exhibições daqui e do Rio de Janeiro.

Eu não sei ao certo, mas parece que o problema dos musicos, em São Paulo, está ficando serio.

O Odeon, no seu enorme bojo, já não tem um, siquer. E, para breve, outros das suas casas irão seguir o mesmo caminho...

O Paramount, louvavelmente e com rara intelligencia, mantém a sua grande e brilhante orchestra. Caso raro, este! Inaugurar um Cinema com apparelhos de sons e ainda por cima manter uma orchestra do valor da que possuem! E' de se admirar, porque, actualmente, a primeira cousa que se faz, após a inauguração de um "mvietone-vitaphone", é despedir a orchestra...

Que o Quadros não mude de politica! Porque, na verdade, a orchestra do maestro Lazolli é um dos grandes attractivos daquella casa de diversões.

Perguntou-me, outro dia, uma pessoa, se os musicos não poderiam tomar alguma iniciativa. Eu acho que não! Porque, na verdade, está no direito e no criterio de uma casa de espectaculos, offerecer ao seu publico musica por orchestra ou musica com discos! E, portanto, não ha lei que obrigue a manutenção de musicos, quando contractos não existam. Isto seria attribuição do senso artistico da direcção dos Cinemas. Porque, actualmente, estamos sujeitos a assistir films, inteirinhos, embora sejam silenciosos, com acompanhamento, apenas, de discos em victrola. Porque, afinal de contas, o apparelho da Western, na sua essencia, não vae além de uma victrola maior, mais aperfeiçoada e com ampliadores possantissimos. Mas eu acho que a reproducção mechanica da musica acabará por cansar o publico. E, então...

E' outro problema que devemos aguardar para concluir...

Isto seria motivo para uma campanha pelos jornaes. Porque é um assumpto interessante. Isto e outras cousas, ainda!

Mas não pode ser. Porque os jornaes, infelizmente, são manietados pelo deus annuncio. E, quando se offende o criterio de alguem, com algumas palavras conscienciosas, já se sabe! corta-se o annuncio.

E' uma pandega! E é por isso que eu dou mil vezes graças ao Supremo pela felicidade de ser chronista de uma revista independente como CINEARTE!

O Programma Matarazzo, para este mez, annuncia films da F. B. O. Mas fazem-no como se fossem films da R. K. O., não tem importancia, se continuarem a distribuir os films da R. K. O. até fazem muito bem de ter contractado estes films. Porque, actualmente, segundo reclames, a R. K. O., é uma fabrica que surgiu da aggremiação das seguintes corporações: — Radio Corporation of America, Victor Talking Machine, National Broadcasting Company, General Electric e Westinghouse Electric & Manufacturing Company. Como se vê... E, agora que o Programma Matarazzo está com a Warners, a R. K. O., a Columbia e mais algumas borracheiras de fabricas sem origem, é justo que se peça, daqui, uma pequena compensação... Que não continuem fazendo, da sua programmação, um prestidigitador de grande alcance! Sim, porque, exhibindo os seus films, em cada Estado do Paiz, com nomes differentes e, assim, fugindo, ás vezes, da critica justa e conscienciosa, não procedem correctamente. O film tem o seu nome original. Colloquem-lhe um nome brasileiro. E basta! Não é exacto?

Em materia de reclame, então, ha cousas impagaveis nas paginas de Cinema, dos jornaes.

O Programma Rialto, por exemplo, ha mais de 4 mezes que vem annunciando o film "O Gigante dos Mares", uma producção da Crescent Pictures com Pat O'Malley e Carmelita Geraghty. O absurdo, porém, não está no facto de annunciarem esta humilde e pequenina producção. Porque até os humildes e os pequeninos têm direito á reclame. Mas o que ha de ridiculo na reclame, é o aspecto de super-producção-invencivel que querem dar ao referido film. Chamando-o, até de "O Martinelli dos grandes films"... Crescent Pictures, Pat O'Malley... Qual, seu Programma Rialto, vamos deixar de exaggero?...

Agora, vamos ao commentario dos films.

PARAMOUNT — "Barro Humano" — Benedetti Film — O Cine Paramount apresentou-nos, hontem em primeira, mais um film nacional.

E' "Barro Humano". Uma fita feita pela Benedetti, do Rio de Janeiro, em que collaboram artistas nossos, sob a direcção de gente nossa, aproveitando o nosso esplendido ambiente tropical.

O cinema da Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, encheu-se. A multidão que o procurou, hontem, era uma agglomeração enthusiastica. A'vida de curiosidade. Interessada nessa visão de uma pellicula brasileira, precedida de intelligente propaganda.

E quando o primeiro quadro surgiu na téla, houve palmas calorosas.

A fita agradou. E' um trabalho que diz bastante das nossas possibilidades na arte silenciosa, conquistando a sympathia do publico. Tem defeitos. Mas, tambem ninguem foi ao Paramount para vêr uma super-producção. E si as fitas americanas e allemãs, feitas com todos os recursos materiaes e artisticos, apresentam suas falhas, por que a fita de Adhemar Gonzaga deveria ser perfeita, uma vez que para a sua confecção não contaram os seus productores com a decima parte siquer dos elementos de que dispõem os estrangeiros?

Os principaes papeis foram desempenhados por Gracia Morena e Carlos Modesto. Gracia Morena é uma interprete que tem finas qualidades. Age bem, desenvolta, compenetrada do papel que lhe foi confiado. A photographia, por vezes, e a "maquillage", prejudicam-na. Mas são numerosos os quadros em que ella apparece encantadora, numa sympathia sem par.

O galã é o typo mais perfeito que até agora tivemos no Cinema Brasileiro. Entretanto, a mascara é fria. Sem maleabilidade. Inexpressiva em muitas scenas que exigiam maior desenvoltura de attitudes e melhor jogo de physionomia. "Parece-me com Valentino" — sussurrou ao meu lado uma pequena esguia, romantica... Valentino continua sendo a obcessão das meninas cinemeiras. Nas horas vagas, o fantasma do "sheik" é substituido pelo Ramon Novarro...

Ha vistas naturaes, bellissimas, em "Barro Humano". Os interiores são impeccaveis. Montagem caprichosa. A melhor que já se fez aqui. Guarda-roupa, excellente.

E si não fôra a infelicidade de alguns primeiros planos, eu diria que a parte photographica, descontando tambem um ou outro excesso de luz, está optima. Todavia, julgada com justiça e imparcialidade, o trabalho da Benedetti Film é digno de louvores.

Os demais interpretes da fita vão bem. Eva Nil faz um papel curto, mas sentimental e apreciavel. A outra, Eva Schnoor, tem um typo magnifico para Cinema. E' uma vampiro de primeira! Impressionou satisfactoriamente. Lelita Rosa, que já fez varias fitas, confirmou os seus predicados: uma interprete de muita naturalidade e expressão. Martha Torá, irmã de Lia, fez uma parte tambem boa. E a popular Luiza Del Vale (Da. Chincha) deu-nos uma vizinha linguaruda ás mil maravilhas. Faz rir. Os pequenos Oly Mar e Lia René são actores que promettem.

Gracia Morena, esteve em pessoa no Paramount. Quando ella surgiu na frisa que lhe reservaram, adornada de flores, o publico a saudou com palmas enthusiasticas. Falamos-lhe num dos intervallos. Estava satisfeita com a recepção de que foi alvo e com os applausos recebidos pelo film. E' uma creatura sympathica, tão graciosa como surge no film.

Diziam que os films brasileiros eram muito timidos. Sem beijos. Parecia que os nossos artistas sentiam receio de offender a pudicicia das turbas com effusões osculatorias... Pois "Barro Humano" desmente isso. Tem beijos de principio a fim. Alguem de nossa intimidade chegou a impressionar-se com a profusão de beijos da fita. Com medo de que tenhamos chegado ao outro extremo nessa materia...

"FITEIRO".

ODEON — SALA VERMELHA — RAPAZ DE SORTE — Lucky Boy — Tiffany-Tone — Programma Serrador. — Um rapaz, filho de judeu, que tem vocação decidida pelo palco. Vence a sua custa. Consegue grande exito. Casa-se com uma moça finissima. Mostra-se desprendido e altruista, não compromettendo a honra da futura cunhada. E canta, canta, canta e canta! "My Mother's Eye" "My Mother's Eye"! "My Mother's Eye"! Depois canta mais duas canções. Depois canta mais outra! No principio, na casa de musicas, canta "My mother's Eye". Depois, no cabaret, canta "My mother's Eye". E, no theatro, tambem... Assim, após 38 ou 40 canções, das quaes umas 33 vezes e 1/2 a "My mother's Eye", cuja traducção, ao pé da letra, pode causar hilaridade, termina o film! No entanto, é um espectaculo ás vezes interessante. No fim, cansa! Pudéra! Mas George Jessell, sem ser um "astro" de raro "fulgor", não aborrece e tem, mesmo, uma voz bastante agradavel.

Eu não sei se deva chamar isto de "film". Porque a mim, parece-me, é, antes, uma serie de discos "ouvidos" e "vistos"...

Norman Taurog dirigiu. Margaret Quimby é bonitinha. Vocês vejam, porque, afinal das contas, é elegante e fino ser-se "snob" e dizer-se, á torto e direito, que "entende-se tudo"! Mas eu, palavra, gostaria de estar no intimo de todos os que estiveram no Odeon, quando se exhibiu este film...

Como complemento, tivemos o discurso de Mussolini. Fala pessimamente inglez. Mas o discurso em italiano, chegou a provocar palmas da assistencia...

ODEON — SALA AZUL — MOÇO FORTE — Strong Boy — Fox. — Um acceitavel trabalho de Victor Mac Laglen e uma boa direcção de John Ford.

Um estudo satyrico sobre a ambição de uma moça em relação ao futuro do seu noivo... Mas é admiravel. Ha comedia em profusão, com as malandragens de Clyde Cook, Slim Summerville e Victor Mac Laglen. E ha detalhes de muito "it"...

Vejam e gozem as piadas. Vale a penaa.

ODEON — SALA AZUL — SUZY SAXOPHONE — Programma Serrador. — Um film europeu que até parece norte-americano... Bem urdido e bem realizado. Uma comedia que interessa e que agrada. E' a sua melhor reclame. Any Ondra, engraçadinha e viva. E Malcoln Todd um galã acceitavel.

Vejam!

CINEMA DE AMADORES

A TERMINOLOGIA PHOTOGRAPHICA

(Conclusão do numero passado).

— V —

VELOCIDADES — Diz-se das exposições varias, quanto á sua duração que um obturador póde permittir. Um obturador que photographa a 1/25, 1/50 e 1/100 de segundo é um "obturador a tres velocidades". As velocidades só existem para a camara photographica. Em Cinematographia o tempo de duração da exposição é uniforme.

VELOX — Marca registrada de papeis photographicos da classe dos papeis de revelar ou papeis de bromureto, a impressão artificial. Introduzido pela Casa Kodak.

VIRADOR — Banho preparado especialmente para dar ás copias, positivas ou provas obtidas nos papeis de bromureto, côres ou tons diversos. Em geral, os viradores mais usados são os que produzem os seguintes tons: sépia, castanho-escuro, azul-mar, verde-escuro, e as diversas variedades de tons que d'ahi resultam.

VIRAGEM — O mesmo que "entoação". Acto de dar uma côr escolhida a uma prova sobre papeis de bromureto.

NOTA: — Vamos procurar a realização de uma Terminologia Cinematographica, a qual faça um verdadeiro "pendant" com esta tentativa que hoje termina. Quem quer collaborar comnosco e mandar-nos os termos para que appliquemos as definições?

CORRESPONDENCIA

ROMÃO PLANELLA — (Livramento) — Si V. conhece o Italiano, procure "Guida Pratica Della Cinematografia", pertencente á serie dos "Manuali Hœpli". Veja si o encontra em alguma livraria d'ahi. As formulas para viragens, no proximo numero de CINEARTE.

ALBERTO PINTO — (São Paulo) — E' difficil ou quasi impossivel uma camara para amadores e profissionaes ao mesmo tempo, como o Sr. deseja. Procure Kinamo e Ernemann com lentes Zeiss, mas evite as camaras construidas de madeira, porque se estragam mais facilmente.

Quanto ao mais, existem revistas mas de difficil accesso aqui.

Almas Escravisadas

(Conclusão do numero passado.).

Mattree, pessoa de confiança do capitão, apodera-se de Saville, aprisionando-o no porão da barca. A ausencia de Saville foi annotada no livro do navio, "Rei Jorge".

Entrementes Brown crêra chegado o momento delle conservar Minnie em sua companhia, embora encontre na amizade da bailarina ao seu irmão um entrave muito sério. Tambem Meng-Tse-Fan, nobre chinez, embaraça os passos do patrão, em que reconhece um bandido, e só descansa quando consegue afastar o perigo da desditosa orphã. Para evitar as usuaes visitas de fiscalização da policia, Brown manda Mattree levar Minnie e Bobby para terra, sem importar-se com as lagrimas das pobres creaturas. Até esse momento o tenente Fletcher, em companhia do seu amigo e jornalista Burnet, não consegue descobrir o paradeiro de Saville, escondido na barca dos horrores.

No dia seguinte, a senhora Adele, rica proprietaria de Singapura, encontra á sua porta o corpo desfallecido de um official da marinha de guerra ingleza. Era Saville que Meng, com grandes esforços, trouxera de bordo para livral-o das garras de um bandido. A' noite, o official abandona a residencia de sua protectora e ao passar por um becco esguio depara com um individuo que, apressadamente, conduz uma liteira. Mattree, por ordem de Brown levava Minnie para o seu palacio, onde se realizaria uma noite de intensa bacchanal. Saville reconhece a moça, salta sobre o miseravel, mas este abate o galante militar com um golpe certeiro e quasi mortal. Quando Meng regressou á bordo, ouviu os gritos lancinantes de Minnie que, como innocente flor de pureza, debatia-se nos braços herculeos dum tigre humano, vencido pela embriaguez da sensualidade. O valoroso oriental tenta livrar a pequena das garras do animal feroz, mas é morto tragicamente com uma punhalada no coração. Ao expirar, Meng beija commovidamente o vestido da desgraçada orphã.

Um minuto depois, abre-se a porta daquella alcova e apparece Saville em companhia da policia. Mas por essa altura já Minnie fôra levada por Fletcher para a residencia da senhora Adele. Quando Saville, apparecendo em casa de sua bondosa enfermeira, apresenta seus agradecimentos pelo desvelo que recebera, a nobre dama mostra-lhe a linda Minnie já liberta das garras da escravidão. Um momento de intenso jubilo invadiu o coração de Saville, já porque encontrara feliz a mulher dos seus sonhos já porque Bobby, tendo sido submettido a uma intervenção cirurgica, recobrara a vista. E sob a influencia poderosa e doce do amor, aquelles corações jovens trocaram o primeiro beijo de amôr, após tantas aventuras martyrizantes...

Cinema Brasileiro

(Conclusão do numero passado).

prehendimentos pelo nosso Cinema. Nem todas merecem credito, sendo como são méras tentativas. Mas em todo o caso tornam-se merecedoras de um registro, para que não digam depois que "Cinearte" não auxilia todos os esforços dos que desejam lutar pela nossa filmagem.

Uma destas empresas, é a Royal Film, recem-fundada em Campinas. Pela communicação do seu secretario H. Reggiani, sabemos que a primeira pellicula a ser impressa será o original de R. F. Barbosa intitulado "A Tortura da Arte", que terá tambem a sua direcção.

Como R. F. Barbosa promette dirigir tambem o outro film da Collina Film de Piracicaba, duvidamos muito que de tudo isto resulte mesmo uma producção. Em todo o caso...

A estrella de "A Tortura da Arte" será Ruth de Oliveira.

"SANGUE MINEIRO" deverá ser exhibido por estes dias em sessão privada aos directores da Phebo Brasil Film.

Depois do que será trazido ao Rio para a sua apresentação á imprensa.

O proxio film da Phebo será "Ganja Bruta", que foi scenarisado por Octavio Mendes.

Tambem já está terminada a filmagem da "Escrava Isaura" da Metropole Film de São Paulo.

O Amôr Nunca Morre

(FIM)

que ali cahira, lutando com Philippe. Seu primeiro impeto foi apanhar uma pedra e matar o allemão, duas vezes seu inimigo. Mas o coração lhe conteve o impulso pois o aviador allemão lhe confiava o ultimo recado que era o seu ultimo adeus á mulher querida... E Jeannine se admirou que aquelle homem que lhe apunhalou o coração, tivesse coração!...

———

Nesse mesmo dia Jeannine partiu em busca de Philippe. De hospital em hospital, peregrinando, Jeannine foi parar, afinal, ao museu transformado em enfermaria onde Philippe estava. Perguntou por elle e lhe disseram que havia morrido naquella manhã... Jeannine chorou muito e mandou collocar junto delle algumas flores. E já vinha sahindo, desolada, atravessando o jardim para ir nem sabia para onde, quando Philippe, que estava em tratamento ali, chegando á janella do hospital e vendo-a, gritou-lhe o nome desesperadamente, morrendo-lhe os gritos no ruido dos carros e automoveis. Jeannine, nessa occasião, encontra, em convalescença ali, um dos sete aviadores, seus velhos conhecidos, lhe falando tão desanimada e tão descrente e accentuando que a vida para ella depois da morte de Philippe, de nada mais valia — que elle lhe disse que ouvira dizer uma vez, que o "amor nunca morre"... E conversando com o joven aviador, Jeannine voltou-se para o hospital, ahi reparando que de uma das janellas do 2º. andar alguem lhe acenava... Fixou bem a janella e tonta de alegria, esfregando os olhos com receio de estar sonhando, correu, doida, os braços alçados, ao encontro de Philippe que ali surgira! Num instante galgou os degraus da escada e alcançou-o, beijando-o muito e envolvendo-o nas suas maiores ternuras, exultando por ter encontrado a sua grande ventura, quando julgava têl-a perdido para sempre!

BARROS VIDAL

Arte Diabolica

(FIM)

Talbot, levado pelos ciumes, tendo tido a prova de que Florence o ia abandonar, matára-a servindo-se de um dos venenos que o dr. Paynter tinha em sua bolsa.

Revelada assim a verdade, Merlin liberta Deering, que acaba por colher as glorias do trabalho do outro, que se satisfaz com a felicidade de beijar Ann e de revelar-lhe que é seu pae e que tudo fará para que ella seja feliz, ao lado do homem que o seu coração escolheu para esposo.

PAGINA DOS LEITORES

(FIM)

Maravilhas do mez: "Morta para o Mundo", "Legião dos Condemnados", "Paixão e Sangue" e "Hula"! E "Metropolis", "Homem que Ri", "Cabana Encantada", "Letra Escarlate", "Noite de Mysterio", "Se eu fosse solteiro", "films" bons, de Junho á 1ª quinzena de Julho.

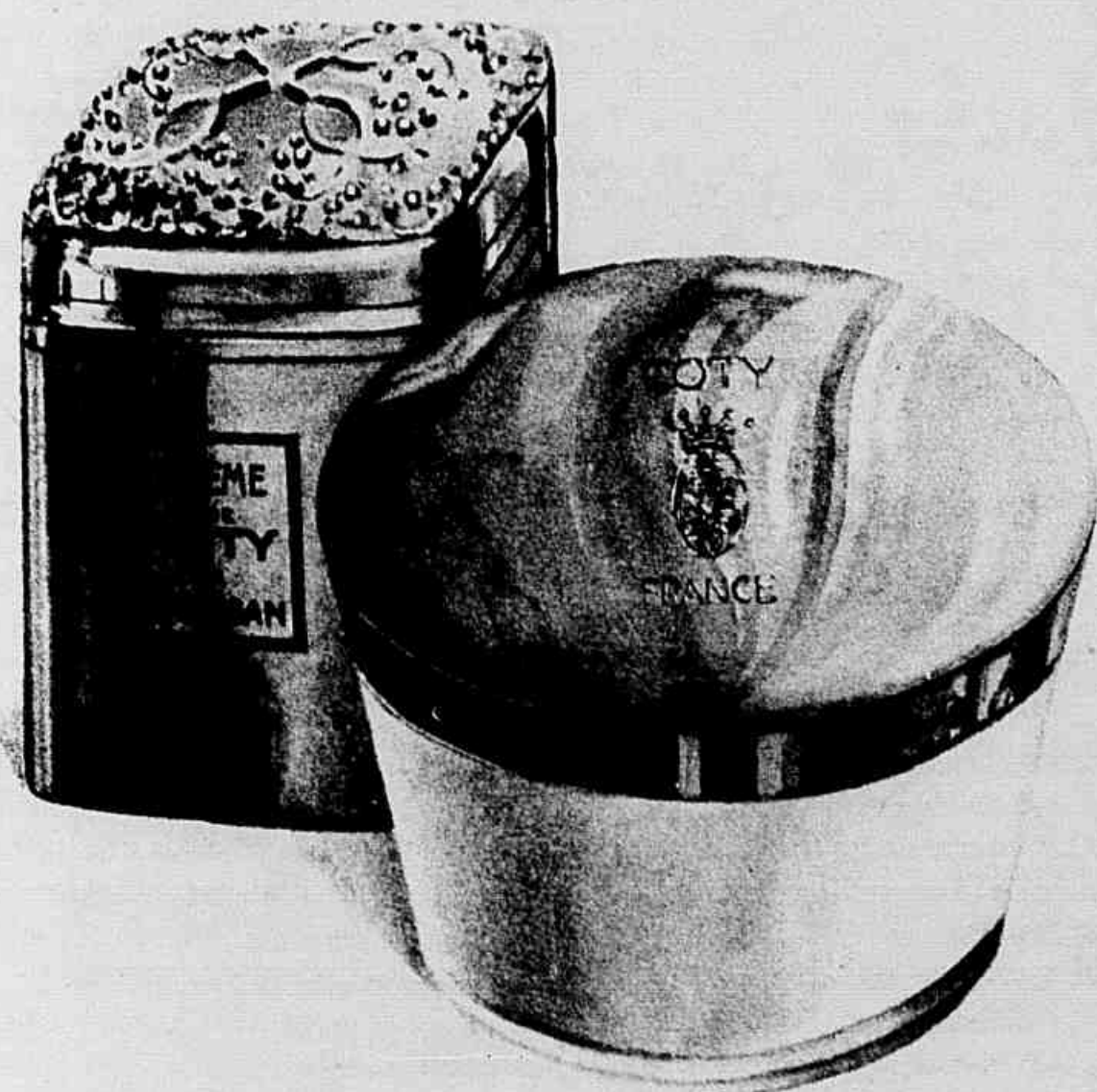
"Revelação" da Uni Film, distribuida e assistida aqui pelo seu director Kerrigan, confirmou mais uma vez as possibilidades que temos de fazer Cinema e que tambem somos os unicos capazes de competir com a Norte-America. A interpretação é digna de nota. Roberto Zango é um elemento admiravel para o Cinema Nacional. Roubou o film. Seu trabalho não tem um senão. Naly Grant é lindinha, mas é deste mundo mesmo. Ivo Morgova, Leo Ribas, Bruno Jardim e Walter Hoger, a contento. Photographia impeccavel, ambientes luxuosos e com bastante luz. O Oly Mar e a guryzada não devem perder, principalmente, pela luta do Zango com o Ivo. Está optima.

O Cinema Brasileiro existe. "Braza e "Revelação" provaram. "Barro", agora, no Rio, culminou na confirmação. E nada ha mais agradavel para um torcedor delle, do que contar essa verdade.

Viva o Cinema Brasileiro!!!

JACK QUIMBY.

Os Crêmes e Colcrêmes de

COTY

protegem a belleza
e a saude da cutis.

o crême **COTY** para proteger a cutis e facilitar a adherencia do pó, encontra-se perfumado a "l'Origan" e a "Rose Jacqueminot" e nos tons rosa e branco.

o colcrême **COTY** para limpar a pelle, tirar a 'maquillage' e fazer massagem do rosto, encontra-se perfumado a 'Rose Jacqueminot'.

PROHIBIDOS DE CASAR!

(FIM)

deira ficariam pasmados com os seus resultados. Até Victor Fleming, o director, tambem gostou perdidamente de Lupe! E ainda, no mometo em que seu "leading man" se achava entretido em deliciosa palestra, não passava um minuto sem que désse uma espiadela para o lado delles, e...

As scenas da vida real, isto é, os amores entre ambos, se tornaram tão frequentes que até os "extras" achavam-se com direito de invejal-os, inclusive o proprio "chauffeur" de Tom Mix que do seu carro "tirava uma linha" da insinuante Lupe. Por isso, Gary sentia-se profundamente embaraçado e não podia comprehender em como uma mulher tão virtuosa pudesse ser só sua, quando ao mesmo tempo desencaminhava outros homens. E se poz a scismar continuadamente desde o dia em que, por circumstancias imperiosas, fôra obrigada a partir, deixando seu coração em petição de miseria.

"Quando ella se foi, eu não sabia com que diabo poderia eu viver tão só!", murmurava elle. "Que solidão! Sentia-me perdido. E eu estava doido para saber se, durante a sua ausencia, pensou em mim tanto quanto nella eu pensava a todo o instante. Seria ella a mesma moça que descobri nas montanhas? Reconheceria ella, com fidelidade, toda e qualquer palavra ou confidencia que trocamos entre juras de amor?

Quando voltei a Hollywood, era isso o que primeiramente ansiava por saber. "Elle fez uma pequena pausa e em seguida proseguiu: "E eu tinha razão. A joven das montanhas, simples, original filha da natura, não era, em absoluto, a moça que os mexericos de Hollywood condemnavam. E começamos a andar juntos".

Assim Gary venceu o seu primeiro obstaculo, livrou-se de duvidas terriveis — porém eram só obstaculos e duvidas que poude vencer Havia, de facto, conquistado a sua sympathia mas restava ainda ganhar seu lar, quero dizer, obter a approvação ou o consetimento do eterno pessoalzinho tagarella de Hollywood. Lupe chegou a dizer a Tom Mix: "Não".

Disse um derradeiro adeus a Victor Fleming, a Ben Lyon, Nils Asther e a quantos e quantos pretendentes a sua mão. Mas ao publico, ás linguas ferinas e mexeriqueiras de Hollywood, é que ella não podia dizer adeus, sem mais nem menos...

"Não posso comprehender. Todo mundo parece receber com geral agrado o enlace matrimonial de Joan Crawford e Douglas Fairbanks Jr., mas não quer concordar com o de Lupe e eu, "disse Gary com ares melancolicos". Por que approva o delles e o nosso não?"

Mas Gary havia esquecido umas tantas cousas. Esqueceu-se de que a Cinelandia não via com bons olhos o casamento de Joan e Douglas Jr. Esqueceu-se de que sua gente causou a separação de Claire Windsor e Charles Buddy Rogers. O seu caso, entretanto, differe bem dos outros. Na verdade os rumores appareceram, porém, em demasia. Lupe foi tão sincera, tão primitiva, tão simples em suas declarações. Eu amo meu Gary; não amo mais homem algum. Quero casar com meu Gary".

Em pouco tempo as amigas de Lupe, ou melhor, as linguas ferinas de Hollywood, começaram a tagarellar: "Boba que é em casar com um actor! Especialmente com um homem tão inconstante como Gary. Talvez não saiba que elle tem amado Clara Bow e Evelyn Brent, e outras mais? Não arruine o seu proprio futuro ainda incerto, você é bastante digna de qualquer outro homem".

Os amigos de Gary, por outro lado, murmuravam aos seus ouvidos: "E' necessario, Gary, que tenhas mais juizo. Esta mulher é mais habil do que perigosa. Interrogue Tom Mix, interrogue — (e mencionaram outro celebre artista de Cinema de Hollywood). Além disso, ella tem só dezenove annos de idade. Ella não sabe ainda o que é o verdadeiro amor."

Os linguarudos tambem disseram o diabo de Joan Crawford e Douglas Fairbanks Jr., de Sue Carol e Nick Stuart, e de uma longa lista delles.

Sabedores de toda essa mexericada os paes de Gary que se achavam em Hollywood, inquietaram-se profundamente. Em seguida, surgiram os "fans", protestando por cartas. Gary se viu mais em apuros do que muitos jovens bem relacionados; as suas gentis admiradoras não se cansavam de pedir-lhe: "Por favor, Gary, não se case". E não eram poucas, centenas, até milhares dellas... Parece que cada mulher no mundo alimentava a idéa de que algum dia iria a Hollywood somente pelo prazer de ver Gary e vel-o... solteirão.

Por esses e outros motivos é que o "studio" resolveu, em favor de Gary e de Lupe, tomar immediatas providencias. E' justo que não podia obstar a que os "fans" continuassem a importunal-os com cartas compromettedoras; mas prohibiu o Departamento de Publicidade de dar quaesquer informações em que envolvam a ambos, em conjunto — Ao passo que amigos occultos tratavam de convencer Gary de que, sem successo, inutil seria conquistar Lupe, e com Lupe impossivel tornar-se-ia triumphar no Cinema.

Depois dos dois discursos do nosso consul, em New York, Sebastião Sampaio, foi Benjamin Finenberg quem primeiro se fez ouvir no nosso idioma, mas com aquella pronuncia toda delle...

Não foi discurso. Mas um "trailler" para apresentação de Raquel Torres, que tambem falou para ser comprehendida no Brasil, e que espera do nosso publico, as felicitações pelo seu trabalho no "Deus Branco".

Aqui estão os dois examinando a voz e o film.

Dizem que o "studio" de Lupe tomou medidas mais efficazes ainda. Mandaram chamal-a e decidiram crear-lhe grande Fama, caso decidisse não cahir na asneira de contrahir nupcias.

Como tenho dito, é esta uma questão um pouco singular. Refiro-me á situação delicada em que se acham, pois Lupe não é, de nascimento, uma cidadã americana. Ella é de uma nacionalidade á qual, parece, todos os americanos não desejariam ligar-se matrimonialmente. Seja como fôr, este é o paiz onde todos têm o direito de viver, e sendo assim as cartas endereçadas a Gary não reconhecem favoravelmente nada disso, e parecem resumir seus factos sob este ponto de vista: — "Se você deseja casar-se por que não escolher uma moça de sua nacionalidade?"

Evidentemente, as cartas discordam da opinião lucida de Nils Asther:

— "O amor não distingue nacionalidade".

O resultado de toda essa trapalhada é que entre Gary e Lupe originou-se uma opinião unica: "Nós nos amamos. Elles não podem evitarnos. Sempre seremos um do outro."

Póde o leitor tirar uma conclusão acertada, ouvindo essas doces e expressivas palavras?

O peior de tudo isso é que "sem successo nunca poderão..."

Não nos impressionemos. Elles proprios estão fartos de saber que sem successo nunca poderão ser felizes. Lupe sempre distinguiu esse impecilho, e Gary tambem é homem para definil-o igualmente. E ella então se queixa com um soluço crepitante: "Se nenhum homem me amar, eu posso viver; se o publico deixar de gostar de Lupe, ella deve morrer."

E Gary que conhece a fundo as leis, que montou corajosamente em vaccas indomaveis e vendeu muitos scenarios theatraes, tirou a conclusão de que não ha outro logar no mundo onde possa fazer fortuna a não ser trabalhando cerca de uns quinze annos até ficar de cabellinhos brancos...

Devido ás circumstancias, entraram ambos em accordo mutuo, asseverando: "Nunca acreditaremos em cousa alguma tocante á vida alheia; viveremos cada vez mais do nosso amor mas façamos de conta que não estamos compromettidos e que nem tão pouco desejamos contrahir nupcias."

"Não venci", exclamou Gary. "Nem nunca poderei vencer. Proseguiremos da mesma forma como muitos casaes em Hollywood, dependendo apenas da interferencia do publico em nosso meio de vida activa e privada... A unica cousa que podemos fazer é confiar no que dér e viér, e affirmar sempre que não estamos para casar."

Triste luta, leitor, pela conquista do Ideal que mais almejam na vida esses dois corações profundamente enamorados. E' o mais cruel dos golpes. E o mais doloroso de todas essas verdades é que essa luta parece interminavel.

ODIO

(FIM)

o seu desprezo por Pauli e o velho professor Arndt. Carl comprehendeu mais uma vez todo o horror daquella guerra. E elles poderiam ter sido tão felizes!

Depois da partida de Carl, o coração do velho Behrend considerou finalmente toda a sua grande crueldade, e decidiu ajudar aquelles infelizes, mesmo porque o commovia o facto de ter um netinho.

Ainda durante muito tempo durou o horror daquella época. Muito soffreu ainda o coração de Pauli com a ausencia de Carl, que ella nunca mais vira. Um dia, uma esperança... Noticiou-se a chegada de Jan, companheiro de Carl. Ah, mais eis que Jan chega em miseravel estado, quasi um mutilado, e dizendo que Carl desapparecera, que ninguem sabia de Carl.

Pauli, sublime no seu heroismo de mulher soffredora, ainda a esse transe resistiu. Afinal, a vida era assim mesmo: a vida era a guerra, nada podia haver, no mundo, que não fosse aquillo, porque por toda parte só havia o odio, o odio que lhe tirara o marido, o odio que lhe déra a miseria, a fome, e lhe desesperava o coração!

Mas alguem vem com uma surpreza, certo dia: uma surpreza que o Professor Arndt acolheu com uma prece de agradecimento aos céos: Carl estava a chegar, fôra prisioneiro n'um campo de concentração de Inglaterra. E voltava, ferido, sim, mas para dar felicidade ao coração de Pauli, sua adorada e sacrosanta esposa.

"A guerra, disse o professor Arndt, nunca mais voltará ao mundo. Mas na rua, bem á beira da casa onde reinava de novo a felicidade, varias creanças, contentes e despreoccupadas, ingenuamente, brincavam de soldados em batalha.

nos e casamo-nos. Nessa mesma noite, estava eu de guarda nas docas e ouvi dizer que uma nova revolução rebentara no centro da cidade. Descobri depois que Heckla era um dos chefes dos numerosos grupos revolucionarios e que o malvado raptara Tanya. Tentei perseguil-o, mas elle não deixou um unico vestigio que me pudesse orientar sobre a direcção que tomara. Depois disso, quasi que enlouqueci. Procurei Tanya durante dias e noites, mas tudo foi em vão. Nunca mais soube della. De Vladivostok, o nosso regimento foi transferido para esta cidade, e eu li o seguinte annuncio num jornal:

UM BOM EMPREGO DE CAPITAL

para quem comprar oito mil acções das Minas de Potassa "Heckla", situadas no Rio Sungari, na Manchuria. Informações com o Capitão Heckla. — Director Gerente.

— Mostrei o annuncio a Otto e Joseph, e elles resolveram acompanhar-me. Depois de caminharmos durante alguns dias, chegamos á mina de potassa, fomos recebidos á bala. Heckla encontrou a morte nessa renhida peleja, e os poucos mineiros que elle tinha, fugiram. Procuramos Tanya, mas não a encontramos. Regressamos pelo mesmo caminho, passando fome e sede. Joseph adoeceu e veiu a fallecer dias depois, e Otto, devido ao cansaço, e ás terriveis privações que soffrera, principiou a padecer das faculdades mentaes, e enlouqueceu. Sómente hontem avistei o quartel e quasi que carregando Otto, apresentei-me sem demora ao meu Capitão. Eis tudo o que tenho a dizer:

— Meus senhores, declarou o Juiz, o réo não apresentou uma unica prova para justificar a sua narrativa. E' de justiça, portanto, condemnal-o por crime de deserção, e tambem pelo assassinato do soldado Joseph Hanlen.

Nesta vida só é bello o que nos provoca uma reacção salutar e nos desperta o sentimento da bondade, seguindo-se então um desenlace que nos mostra que o arrojado Tex não se curva, porque a sua valentia e a experiencia adquirida á sua custa não o deixam ficar em atrazo para com a sua querida Tanya que elle torna a encontrar depois de se salvar dos seus terriveis juizes, contribuindo tambem tudo isso para o completo restabelecimento do seu inseparavel amigo Otto.

VASCO ABREU.

A AGONIA DE JERUSALEM

(FIM)

uma ordem que elle mesmo, no tempo em que era o Sirias do communismo, havia dado, fizesse saltar a barreira do Jordão. O rebelde expirou, nos braços do regenerado, assistindo em delirio a scena impressionante do Juizo Final. E a paz voltou á casa rustica do Monte Olivete, com o casamento de Jean Louis com Alice....

O LAÇO DA AMIZADE

(FIM)

rendimento. O finorio do Heckla resolveu apoderar-se da mina e teve a coragem de nos pedir para ajudarmol-o a conseguir os seus fins. Nós recusamos e fomos contar o occorrido ao velho Petrovich, que nos aconselhou a cortarmos relações com Heckla, que, como de costume, tornara a desapparecer mysteriosamente. A filha do sr. Petrovich, Tanya de nome, era uma joven formosissima que sabia juntar á sua belleza o prestigio do desembaraço. Apaixonamo-

COMO BUDDY TEVE OPPORTUNIDADE

(FIM)

sa cheia. Quando o meu primeiro film, "Mocidade Fascinante", foi exhibido ali, levou mais tempo no programma do que o "Big Parade". E' o que lhes digo. De oito e dez milhas de distancia vinham os lavradores nos seus Fords e pagavam 25 centimos pela entrada que de ordinario custa 10. O Sr. Andrews, dono do Cinema fez até poucos mezes atraz com a exhibição de "Mocidade Fascinante" dinheiro bastante para comprar um novo carro.

E foi justamente o Sr. Andrews que me introduziu no Cinema. Conversando um dia com os representantes da Paramount Exchange em Kansas, elle suggeriu: "Por que não põem vocês gente moça nos seus films?

Conheço em Olathe um rapaz que vale tanto como qualquer estrella de Hollywood, é o filho de B. H. Rogers, director do jornal local "The Mirror". O pessoal da Paramount que estava realizando um concurso para alumnos da sua nova escola em Long Island City, mandou me chamar para uma prova. Eu não me preoccupava muito, então, em ser actor. Ganhava bastante como mestre de uma banda de musica da Universidade, tocando em bailes em Kansas, mas elles me disseram que eu poderia ganhar 125 dollars por semana. Quasi não acreditei que se pudesse ganhar tanto dinheiro.

Sahir de Olathe, foi projecto que nunca nenhum rapaz da terra alimentou, mas eu tive a sensação que commigo se passaria qualquer coisa de extraordinario. Apenas suppunha que fosse no dominio da minha musica,, a que eu me dedicava desde os oito annos de idade.

Mas não foi a musica que me proporcionou o successo.

Successo, posso dizer, sem falsa modestia, porque não é outra a impressão que recebo nas minhas visitas ao berço natal. A minha presença ali é sempre uma especie de acontecimento publico.

Todo mundo me disputa, o Buddy enche toda a Olathe. Querem me ouvir falar de Hollywood, dos grandes astros da téla, mas tambem cada qual tem uma porção de coisas a me contar sobre os acontecimentos da terra.

E' um prazer o tempo que ali passo. Talvez que assim não fosse si eu me demorasse mais do que alguns dias. Sou admirado, disputado, mas a verdade é que nenhum dos meus antigos companheiros de infancia me inveja. Ainda não houve um só delles que me pedisse para introduzil-o no Cinema. Ganham 25 ou 30 dollars por semana, mas parece que têm tudo quanto possue um astro de Hollywood: um automovel, boas roupas e dinheiro no bolso. Parece que o dinheiro tem mais valor em Olathe.

NO LAR DE ALICE WHITE

(FIM)

Ficou grandemente satisfeita quando em "Cinearte" viu algumas scenas do seu ultimo film todo falado, "Broadway Babies"...

Commentou a seguir a capa, que representava Carlos Modesto. Achou os olhos delle muito parecidos com os de Valentino.

— Pobre Carlos!

— Pobre, por que?

— Porque não pode oxygenal-os...

A proposito ainda das gravuras de "Cinearte" falou-me da popularidade dos artistas americanos no Brasil, admirando-se da nossa predilecção pelas morenas, quando "gentlemen prefer blondes".

Não seriam gentlemen os brasileiros? Foi preciso que eu lhe jurasse e com fervor o fiz que o brasileiro não distingue; prefere todas, morenas ou louras, a questão é serem bonitas como Alicinha. — Clara Bow é querida?

Disse-lhe que sim e que ella tamber o era: que nós brasileiros tinhamos uma singular attracção pelo genero "levadinho da breca".

Quiz experimentar um cigarro do Brasil "se não fosse muito forte".

Offereci-lh'o, gostou.

Alice gosta de palestrar e varia sempre de assumpto. De quando em quando ia ao interior dar alguma ordem com respeito ao nosso "luncheon". Volvia de novo ao divan. De cada vez tomava uma posição differente. Os pés, porem nunca paravam no chão.

Emquanto falavamos meus olhos indiscretos analysavam a sua sala de visitas que é o compartimento da casa em que está mais frequentes vezes. Deliciosa no aspecto e no arranjo dá a gente uma gana de não mais sahir dali, ficando a vida inteira ao lado de Miss White, de pernas cruzadas no seu fôfo divan, entre o aroma das flores e dos cigarros do Brasil.

Uma estante com livros: a vida de Isadora Duncan, "Short french stories" thema talvez de argumentos para films, Goethe de Emil Ludwig. A leitura ultima, talvez repetida, parecia ter sido "Bad Girl" de Delmar — Ausencia absoluta de "Chewing-gum" e sobre o piano Baby, meia cauda, um fox, o de "Broadway Babies". Do lado de fóra uma alameda diminuta com uma minuscula fonte. Nesta entretanto não existia o habitual caramujo. O que havia mais era um cachorrinho, preso porém para não me obrigar a fazer-lhe festas com um sorriso.

Tão constrangido como o de Stan Laurell. Mas havia cousa peor, perdoe-me Miss White revelal-a. Um apparelho de radio que nos deliciava os ouvidos com uma conferencia transmittida de Niagara Falls, Miss White parece que percebeu o meu pavor e desligou o maldito. Suspirei alliviado; tinha medo que o conferencista fosse profuso e encachoeirado, interminavel como as quedas famosas...

E depois, para que não dizer, preferia o timbre argentino da voz de Alicinha ao som roufenho do apparelho que me transmittia cousas bem menos interessantes do que aquellas que eu tinha á vista. Um outro con-

viva appareceu, rapaz extremamente sympathico.

— Sr. Gonzaga, quero apresentar-lhe um amigo, Sr. Sydney Bartlett. Palestramos os tres. Culto, viajado, insinuante, conversa variada e interessante o recem-vindo pozse logo á vontade. Sua intimidade com Alice White era evidente. Ella aliás disso não fazia mysterio, tratando-o de "Loney dearling, tear..."

Depois, quando se fez sentir a necessidade de mais alguma louça, bem percebi que a linda lourinha tinha ido ao andar superior, buscar, no quarto, duas chicaras. E relembrei, deliciado e invejoso os versos maliciosos de nosso Fontoura Xavier: Eu bebo á noite de amores...

Reparei nos sapatos de Alice e nos de Sydney Bartlett. Embora sem a "lama e as flores do caminho" era evidente que muitas vezes se encontraram juntos...

O Brasil veiu varias vezes á tela da conversa. Bartlett interessava-se por questões economicas e parecia bem inteirado das possibilidades gigantescas da nossa terra.

A campainha do telephone tilintou. Alice foi attender e emquanto attendia a um Paul qualquer na minha frente collocava-se um pratarraz de tomates. Parece que todas as estrellas de Cinema adoram essa insupportavel solanacea, por motivos de hygiene ou outros, naturalmente para evitar a obesidade...

Eu que abomino esse desengraçadissimo producto da natureza já tinha tomado um fartão delles em todos os "luncheon" a que comparecera. Veiu-me á bocca a desagradavel sensação que tivera em casa da Margaret Livingston na viagem passada.

Olhei desanimado para o prato e depois para a minha amphytriã. Alice saboreava com visivel prazer o amaldiçoado condimento e com a bocca cheia, sem notar o meu constrangimento discorria sobre cinematographia:

— Não tenho predilecção sobre papeis. Gosto de interpretar todos elles. O de melindrosa, nem sempre.

Estava-se vendo.

Interroguei-a sobre o cine falado.

— Não desgosto delle. Tenho figurado já em alguns. Dão mais trabalho do que os outros, porque ha a lição de canto, a de dansa. O tempo é escasso para outras cousas. E as lições são tão cacetes!

Chegou o Paul, o tal do telephone. Era um pequenote que sentou-se a um canto e não abriu a bocca todo o tempo que lá estive. No auto, depois, contou-me que o pae fôra dono ou cousa que o valha da Tiffany Stahl. Sydney Bartlett emquanto comia, viajava.

Fez-me ir com elle á Russia ou antes a todas as Russias, divagou sobre a influencia dos Estados Unidos e do Brasil sobre as Americas, transportou-se para a China chegando mesmo a querer ensinar-me algumas phrases do argot de Cantão que elle aprendera com os **coolies**.

Mas eu não tinha vontade nenhuma de viajar com Mr. Bartlett. Alicinha veiu em meu auxilio pedindo-me um novo cigarro. Falou-me então de sua vida passada. Filha de familia de condicção modesta, fôra dactylographa a principio. Ascendencia italiana, por parte paterna ou materna, falha-me a memoria, tem saudades e muitas de New York, onde nasceu ou passou a meninice. Serviu-se o café o que deu motivo a

uma viagem de Sydney Bartlett a Ribeirão Preto, e outros municipios paulistas.

Sahimos juntos todos. No jardim Alicinha apresentou-me ao seu papagaio e insistiu para que lhe fizesse festas.

Fiz-lhe as festas de estylo. Quizeram que elle mostrasse as suas habilidades, mas o bicho ficou tão silencioso como o Paul. Impingi então aquella nossa anecdota do papagaio que o tabaréu impingira ao viajante e que era um bicho para **pensar** embora como a muita gente acontece, nunca externasse os pensamentos. Protestos vivos de Alicinha.

— Mas o meu fala de verdade.

— O papagaio porém conservava-se silencioso como um deputado governista.

Debandamos.

E' assim Alice White. Simples, sem aplomb, nada **poseuse**, franca e camarada. Vendo-a no seu **home** tão encantadora em sua singeleza, ninguem reconheceria a trefega e maliciosa rapariga que estamos habituados a contemplar na téla.

Essa é uma de minhas melhores recordações de Hollywood. Mesmo le-

vando em conta o prato de tomates que fui forçado a engorgitar.

Hollywood. — Junho de 1929
A. GONZAGA.

IMPRESSÕES DE HOLLYWOOD...

(FIM)

meus leitores que tal como sente Von Strohein ao elaborar seus films eu senti tambem em minha primeira excursão a Hollywood.

A multiplicidade de visões, de aspectos, tudo perturbou-me de tal geito, a ansia de observar, de detalhar, de minudenciar foi tal, tanta que se tivera de vasar todas as minhas primeiras impressões sobre o papel não sei se tempo me sobraria para qualquer outra cousa nesta vida.

Era tudo tão novo para mim, os aspectos tão variados e interessantes, os typos, as scenas succediam-se com tal abundancia que mal eu julgava fixado um detalhe centos de outros succediam-se e afinal pouco pude realizar além de uma que outra impressão ligeira... e o tempo passando, foi tudo se esfumando na minha memoria sem que eu pudesse afinal dar conta das promessas feitas aos que benevolamente aguardavam essas memorias que a minha memoria já não mais quizera conservar... Foi o excesso justamente das impressões, o que prejudicou o desenvolvimento que eu quizera emprestar ás minhas chronicas..

Desta vez porém, prometti e juro, tenho que fazer mesmo a minha "Viuva Alegre"...

Não que eu julgue possivel dizer tudo de Cinema e de Hollywood nesta minha serie de chronicas de que esta é apenas o introito...

Não é licito fazel-o nos limites estreitos do tempo e das paginas de "Cinearte"; talvez para o futuro eu tambem tenha de reflexionar melancolicamente como Von Strohein: Ninguem leu tudo quanto eu desejava ter escripto em materia de Cinema! Minhas chronicas serão apenas retalhos de impressões, "rushes"...

E' que a revista como os rolos cinematographicos tambem tem contados os numeros de paginas...

Assim prometto ter juizo bastante para não dilatal-as indefinidamente, fazendo o meu scenario á feição de Von Strohein. Não, nada disso. Scenas dispersas, typos destacados, impressões vivas ou fugitivas, todas ellas porém com o preciso relevo, proprias para satisfazer curiosidades que suspeito ansiosas. Films pequenos feitos com economia de tempo e luz... para programmas de linha.

Terão necessariamente subtilezas que as cousas mais naturaes ao parecer em Hollywood assumem sempre segundas intenções conforme o ponto de vista em que se colloca a machina de apanhar essas visões.

Quem viu aquelle film de James Cruze, "Hollywood" e soube com agudeza de visão e de percepção comprehender-lhe os verdadeiros aspectos, entenderá perfeitamente o que eu quero dizer.

Hoje, mais do que nunca comprehendo como aquelle trabalho, singelo na apparencia e destinado apenas para muita gente a mostrar ao publico figuras de artistas famosos, pura especulação de bilheteria, se revestia de valor documental detraçando a psychologia da capital da cinematographia em seus multiplos e curiosos aspectos!

Foram meus companheiros de viagem a Sra. Luiz Schnoor e sua filha Eva e mais Carlos Modesto. Terei, naturalmente que falar delles muita vez e sem que tenha de apresental-os aos leitores de "Cinearte", que já os conhecem de "Barro Humano".

Pouca foi a nossa demora em New York. Carlos Modesto, imbuido de um patriotismo sadio não se deixou esmagar pelos arranhas-céos da grande metropole e foi nella descobrir até ruas esburacadas como no Rio ao tempo do Prefeito passado. As impressões de Eva eram tambem inspiradas nos mesmos sentimentos: as pequenas da Broadway não eram mais bonitas que as que percorrem a nossa Avenida Rio Branco e nem nas modistas havia vestidos de mais gosto que os de lá...

New York perdeu logo, portanto, o seu prestigio. Casas altas, gente muita e bonitas camisas nos mostruarios. Apenas.

Depois a viagem interminavel de trem atravessando o continente, de mar a mar. Longa, fatigante, interminavel...

Episodios de viagem, impressões dos portos que tocamos no percurso maritimo, a victrola, tudo foi utilisado para expulsar o tédio que nos invadia teimoso nesse enfadonho transitar atravez estados e mais estados da União. Mas só um assumpto tinha o condão de animar-nos; era o unico que nos interessava afinal, a causa unica daquella viagem: S. M. o Cinema...

Mas...

A. GONZAGA.

Officinas Graphicas d'O Malho